

**Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo**

IVANA CAVICHIOLLI CASTRO

ESPAÇO DE COWORKING PARA ARQUITETOS E DESIGNERS EM CURITIBA

CURITIBA

2016

IVANA CAVICHIOILLI CASTRO

ESPAÇO DE COWORKING PARA ARQUITETOS E DESIGNERS EM CURITIBA

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA059) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR(A):

Prof(a). Dra. Cleusa de Castro

CURITIBA

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador(a):

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2016.

Dedico este trabalho
À todos aqueles que, como eu, acreditam no poder que os sonhos têm de transformar a realidade.

Agradeço este trabalho

A meus pais, pela vida e força de todos os dias.

À minha orientadora Profa. Dra. Cleusa de Castro, pela sábia orientação e paciência.

“A história da arquitetura documenta a engenhosidade da humanidade, seu senso de harmonia e seus valores. É uma profunda reflexão das complexas motivações de indivíduos e sociedades.”
(Richard Rogers, Cidades para um pequeno planeta, 2012)

RESUMO

Esta pesquisa discute uma nova tipologia de espaço de trabalho que vem sendo usada com mais frequência nos últimos anos, o *coworking*. Com o objetivo de conceituá-lo teoricamente, faz-se uma análise histórica da arquitetura dos escritórios, bem como da evolução das tecnologias como grande influenciadora das mudanças ocorridas nos locais de trabalho. Além disso, através de variados estudos de caso, trata-se de aspectos arquitetônicos espaciais que contribuem para a criação de um ambiente agradável, estimulante e produtivo para seus usuários, muitas vezes profissionais em início de carreira ou empresas *start-ups*. A fim de entender o contexto em que esta nova tipologia de espaço de trabalho se insere em Curitiba, faz-se uma análise dos espaços existentes na cidade, tanto quantitativamente como também com relação à que tipo de profissionais eles se dirigem e aos locais em que estão mais concentrados. Percebe-se que geralmente eles se localizam em áreas comercial e culturalmente ativas, com intenso fluxo de pessoas, mas também com facilidade de acesso desde os bairros mais residenciais. Por fim, através da interpretação de todos os dados obtidos com a pesquisa, definem-se necessidades programáticas e diretrizes de projeto que contribuirão para a tomada de um partido arquitetônico para posterior desenvolvimento de um projeto de mesma tipologia.

Palavras-chave: *Coworking. Espaço compartilhado de trabalho. Economia colaborativa.*

ABSTRACT

The present research is about a new typology of workspace that has been being frequently used in last past years – the coworking space. Aiming to theoretically conceptualize it, there is a historical analysis of the architecture of workspaces, as well as of the evolution of technology as an influence in the space changes. Besides, through some study cases, we can observe the architectural elements that contribute to the creation of a pleasant, stimulant and productive space, for professionals which are usually in the beginning of their careers. In order to understand the context in which this new typology of space is situated, there is an analysis of the spaces around Curitiba, trying to understand aspects that contribute to a certain distribution pattern. Usually, they are located in areas that are well equipped with services and that are culturally active. Therefore, creating and demanding an intense flow of people. Finally, through the interpretation of all the data gained during the research, we can establish the guidelines that will be used during the development of a new coworking space in the city.

Key-words: *Coworking. Shared workspace. Collaborative economy.*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Palácio dos Uffizi	20
FIGURA 02 – Planta o Palácio dos Uffizi	20
FIGURA 03 – Larkin Administration Building	23
FIGURA 04 – Interior do Larkin Administration Building	23
FIGURA 05 – Interior do Johnson Wax Building	24
FIGURA 06 - Exterior do Johnson Wax Building	24
FIGURA 07 - Interior do Centraal Beheer Office Building	27
FIGURA 08 - Exterior do Centraal Beheer Office Building	27
FIGURA 09 - Oficina de desenho e workshops no Coworking Sevilla de Moda	38
FIGURA 10 - Oficina de Costura no Coworking Sevilla de Moda	39
FIGURA 11 - Espaço de coworking	39
FIGURA 12 - Sala de costura	40
FIGURA 13 - Oficina do DoES	41
FIGURA 14 - Workshop no DoES	42
FIGURA 15 - Entorno do projeto	44
FIGURA 16 - exterior do Second Home	45
FIGURA 17 - entrada do Second Home	45
FIGURA 18 - Interior do projeto	46
FIGURA 19 - Perspectivas isométricas	47
FIGURA 20 - Uso do acrílico e permeabilidade visual	48
FIGURA 21 - Interior do Second Home	49
FIGURA 22 - Planta do pavimento térreo	50
FIGURA 23 - Planta do pavimento superior	51
FIGURA 24 - Corte esquemático	51

FIGURA 25 - Mapa de localização China	52
FIGURA 26 - Localização Distrito Chaoyang	52
FIGURA 27 - Exterior do Joy Space	53
FIGURA 28 - Sistema de circulações	54
FIGURA 29 - Corte transversal	54
FIGURA 30 - Entrada principal	55
FIGURA 31 - Jardim do bar	55
FIGURA 32 - Área de descanso	55
FIGURA 33 - Auditório	56
FIGURA 34 - Circulação e descanso	56
FIGURA 35 - Planta do edifício	57
FIGURA 36 - Localização do coworking HIT3	59
FIGURA 37 - Balcão com vistas para o parque	59
FIGURA 38 - Balcão com vistas para a cidade	60
FIGURA 39 - Fachada do edifício	61
FIGURA 40 - Esquina	61
FIGURA 41 - Pavimento térreo	62
FIGURA 42 - Primeiro e segundo pavimentos	62
FIGURA 43 - Terceiro ao sexto pavimento	63
FIGURA 44 - Sétimo pavimento	63
FIGURA 45 - Oitavo pavimento	64
FIGURA 46 - Interior do HIT3	65
FIGURA 47 - Seção	66
FIGURA 48 - Vista aérea do entorno do projeto	67
FIGURA 49 - Localização em Curitiba	68
FIGURA 50 - bloco de circulação vertical e blocos principais	68

FIGURA 51 - Fachada principal	69
FIGURA 52 - Vista superior	70
FIGURA 53 - passarelas laterais	71
FIGURA 54 - cabos de aço	71
FIGURA 55 - Subsolo	72
FIGURA 56 - Térreo	72
FIGURA 57 - Primeiro pavimento	73
FIGURA 58 - Mezanino	73
FIGURA 59 - Segundo pavimento	74
FIGURA 60 - Corte	74
FIGURA 61 - Interior do projeto	75
FIGURA 62 - Áreas de lazer e descanso	75
FIGURA 63 - Principal área de atuação dos coworkers	79
FIGURA 64 - Cidades com mais <i>coworkings</i>	80
FIGURA 65 - Buscas na internet	81
FIGURA 66 - Buscas na internet	81
FIGURA 67 - Mapa dos coworkings de Curitiba	82
FIGURA 68 - Zoneamento na Regional Matriz	84
FIGURA 69 - Proporção entre unidades residenciais e não residenciais	85
FIGURA 70 - Localização do Nex Coworking	86
FIGURA 71 - Fachada revitalizada	87
FIGURA 72 - Interior do Nex	88
FIGURA 73 - Lounge de convivência	88
FIGURA 74 - Configuração dos espaços de trabalho	89
FIGURA 75 - Flexibilidade do salão de eventos	89
FIGURA 76 - Localização do Aldeia Coworking	90

FIGURA 77 - Espaço compartilhado de trabalho	91
FIGURA 78 - Sala de reunião da Aldeia	91
FIGURA 79 - <i>Wikihouse</i> no Aldeia Coworking	92
FIGURA 80 - Área de convivência	92
FIGURA 81 - Localização do coworking Plano Forte	93
FIGURA 82 - Distribuição dos ambientes no coworking	94
FIGURA 83 - Sala de trabalho compartilhado	94
FIGURA 84 - Núcleos de serviços em Curitiba	96
FIGURA 85 - Legenda	96
FIGURA 86 - Localização do terreno	97
FIGURA 87 - Ponto de interesse	98
FIGURA 88 - Terreno	99
FIGURA 89 - Vista 01	99
FIGURA 90 - Vista 02	100
FIGURA 91 - Vista 03	100
FIGURA 92 - Vista 04	101
FIGURA 93 - Organograma	105

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1 APRESENTAÇÃO	15
1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA	15
1.3 OBJETIVOS	16
1.4 JUSTIFICATIVA	16
1.5 METODOLOGIA DE PESQUISA	17
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	17
2. BREVE HISTÓRICO DOS ESCRITÓRIOS COMO LOCAIS DE TRABALHO	19
3. OS ESPAÇOS COMPARTILHADOS DE TRABALHO	29
3.1 ECONOMIA COLABORATIVA	29
3.2 O CONCEITO DE COWORKING	31
3.3 OS ELEMENTOS DE UM COWORKING	35
3.4 COWORKINGS TEMÁTICOS	37
4. ESTUDOS CORRELATOS	43
4.1 SECOND HOME – LONDRES	43
4.2 JOY CITY “WOO SPACE” – PEQUIM	52
4.3 HIT3 – BUENOS AIRES	58
4.4 OXI – CURITIBA	67
4.5 CONCLUSÃO COMPARATIVA	76
5. ESTUDO DA REALIDADE	78
5.1 O CENÁRIO DOS COWORKINGS NO BRASIL	78

5.2 O CENÁRIO DOS COWORKINGS EM CURITIBA	82
5.2.1 NEX COWORKING	86
5.2.2 ALDEIA COWORKING	90
5.2.3 PLANO FORTE COWORKING	93
6. DIRETRIZES DE PROJETO	95
6.1 O TERRENO ESCOLHIDO	95
6.2 DIRETRIZES PROJETUAIS	101
6.3 PRÉ PROGRAMA	103
7. CONCLUSÃO	106
8. REFERÊNCIAS WEB E BIBLIOGRÁFICAS	108

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Um dos impactos da digitalização e da globalização, nos últimos anos, tem sido observado na maneira com que as pessoas realizam suas atividades laborais. A evolução das tecnologias, principalmente de informação, possibilitou uma crescente flexibilidade no modo de trabalho, podendo este ser realizado a qualquer momento do dia e, praticamente, em qualquer lugar que apresente uma boa conexão de internet.

Aliado a isso, surge a economia colaborativa, que busca a otimização de recursos a fim de gerar uma sociedade mais democrática e sustentável. A união do espírito colaborativo com a evolução das redes de conexão formam um ambiente favorável para o surgimento dos *coworkings* – espaços compartilhados de trabalho que visam a troca de experiências e de ideias como forma de crescimento.

Sendo assim, uma das principais características destes espaços é a conectividade, a qual esta representada tanto na sua filosofia, quanto na sua espacialidade.

1.2 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Este trabalho de pesquisa irá abordar o universo dos espaços compartilhados de trabalho – os chamados *coworkings*, tendo como foco principal naqueles destinados aos profissionais das áreas de arquitetura e design.

A partir da análise e compreensão dos conceitos e valores de um *coworking*, pretende-se entender como a arquitetura, ao mesmo tempo, é capaz de refletir e impulsionar determinados comportamentos no espaço.

1.3 OBJETIVOS

De modo geral, busca-se compreender as principais características que configuram um espaço compartilhado de trabalho, a fim de propor diretrizes projetuais que guiarão a próxima etapa deste Trabalho Final de Graduação.

Os objetivos específicos desta pesquisa envolvem uma fundamentação teórica acerca do tema, enquadrando o objeto da mesma no tempo e no espaço, compreendendo que o surgimento desta nova tipologia de edifício de escritórios é o resultado da evolução das tecnologias de informação.

Com a análise de estudos correlatos busca-se um maior entendimento com relação aos espaços arquitetônicos desenvolvidos para abrigar *coworkings*. Já a análise do panorama atual dos espaços compartilhados de trabalho, em Curitiba, pretende esclarecer o contexto em que estes espaços estão inseridos na cidade, com a intenção de identificar um local adequado para a implantação de um edifício destinado ao *coworking* para arquitetos e designers.

E, por fim, através da identificação de um programa de necessidades, busca-se gerar diretrizes projetuais para o desenvolvimento do projeto que será apresentado na segunda etapa do Trabalho Final de Graduação.

1.4 JUSTIFICATIVA

Atualmente, cada vez mais pessoas decidem trilhar os caminhos do empreendedorismo e/ou trabalhar de modo independente, visando a redução de custos de manutenção de um escritório tradicional. Com isso, cresce o número de *coworkings* ao redor do mundo e do Brasil. Porém, apesar da expansão deste conceito e dos benefícios que ele promove, ainda existem poucos edifícios projetados inteiramente para abrigar o programa de um espaço compartilhado de trabalho. Geralmente eles são resultado de reciclagens de construções já existentes. Por isso, este Trabalho Final de Graduação pretende reunir as informações necessárias que levem à criação de um projeto inteiramente dedicado a um *coworking*.

Além disso, há o interesse pessoal da autora por atividades interdisciplinares, as quais são amplamente estimuladas dentro de um coworking. O envolvimento com assuntos externos à disciplina de formação de um indivíduo, permite que o mesmo tenha uma visão mais ampla sobre, qualquer que seja, seu objeto de trabalho.

Um coworking significa proporcionar o convívio entre pessoas de áreas de atuação diversas, contribuindo para a criação de uma sociedade mais colaborativa, aberta à novas ideias e opiniões, portanto com capacidade maior de compreender e tolerar o diferente. Paradoxalmente, este convívio com o que é distinto, singular, propicia a formação de um senso de comunidade entre seus membros. Além disso, os ideais presentes em um *coworking* estão intimamente ligados à disciplina da arquitetura, pois potencializam um saber arquitetônico que é, sempre, resultado de um trabalho coletivo.

1.5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho de pesquisa irá se desenvolver com base, principalmente, em referências web e bibliográficas. Por se tratar de uma tipologia recente de espaço de trabalho, encontra-se um número relativamente baixo de referências bibliográficas acerca do tema, sendo a consulta a websites bastante importante para a conceituação do mesmo. Atualmente, existem sites e plataformas digitais que promovem a discussão sobre o universo dos *coworkings*, contribuindo para o entendimento do objeto de estudo.

Além disso, serão analisados estudos de caso, a fim de entender a espacialidade destes edifícios, contribuindo para geração de diretrizes projetuais a serem usadas na próxima etapa deste Trabalho Final de Graduação.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Estruturada em sete capítulos, sendo a conclusão e a presente introdução dois deles, esta monografia trata, primeiramente, da evolução histórica dos escritórios como locais de trabalho.

Estabelecido o panorama geral desta tipologia de edifício, busca-se fundamentar o conceito de *coworking*, abordando a economia colaborativa como preceito do surgimento dos espaços compartilhados de trabalho. A partir disso, trata-se dos valores intrínsecos de um *coworking*, bem como das vantagens e desvantagens de se trabalhar em um local desses. Além disso, são apresentados elementos de sua espacialidade e, por fim, *coworkings* temáticos, relacionados às atividades dos profissionais de arquitetura e design.

O capítulo seguinte analisa diversos espaços compartilhados de trabalho, buscando fundamentos práticos e referências para o futuro projeto do Trabalho Final de Graduação.

Após a conceituação temática e os estudos de caso, observa-se a realidade curitibana de *coworkings*, buscando compreender o comportamento de seus usuários e a distribuição destes espaços na cidade. Desta forma, no último capítulo antes da conclusão, se tem a escolha de um terreno para a implantação do projeto de um *coworking* para arquitetos e designers, bem como as diretrizes projetuais e programa de necessidades para tal.

Após a conclusão, são expostas as referências web e bibliográficas utilizadas durante o trabalho de pesquisa.

2. BREVE HISTÓRICO DOS ESCRITÓRIOS COMO LOCAIS DE TRABALHO

Os escritórios, como locais de trabalho, sempre estiveram relacionados às atividades intelectuais e administrativas, estando presentes na vida do homem desde o período medieval. Ao longo dos séculos e, principalmente, das últimas décadas, este espaço foi se transformando e adaptando não só de acordo com as necessidades das empresas e seus trabalhadores, mas também a fim de espelhar as mudanças tecnológicas vividas em cada época.

Vale destacar que, de acordo com Cagnol (2013), na Idade Média, era nos mosteiros em que se encontrava a produção intelectual. Neles, monges trabalhavam em total silêncio e concentração, sempre de pé, pois sentar-se era considerado um privilégio. Já durante o Renascimento, do espectro religioso, tal produção intelectual também passou a fazer parte das ciências e do comércio. Sendo assim, contadores, engenheiros e artistas também passaram a trabalhar em locais específicos.

Segundo Fonseca (2004), o século XV constituiu uma época produtiva no campo dos tratados dos edifícios de escritórios. O arquiteto italiano Francesco di Giorgio (1439 – 1501) foi responsável pela elaboração de um dos mais representativos e significativos, no qual se descrevia a forma como deveriam ser os edifícios dessa tipologia.

Constituído por dois edifícios compridos e estreitos, dispostos ao longo de uma espécie de rua interior, com uma sucessão de salões dispostos em três pavimentos, surgia o primeiro prédio administrativo especializado da história. O Palácio dos Uffizi, construído em Florença por Giorgio Vasari (1511 – 1574) para a família Médici, entre 1560 e 1574, unia em uma única construção espaços destinados a um tribunal, ao arquivo de documentos e às atividades administrativas. Apesar de difícil de encontrar edifícios específicos para o abrigo exclusivamente de escritórios neste período, vale destacar que os mercados geralmente apresentavam um pavimento superior destinado para negociações e acordos entre mercadores, sendo caracterizados por atividades meramente administrativas.



Figura 01 - Palácio dos Uffizi, em Florença
Fonte: Uffizi.com

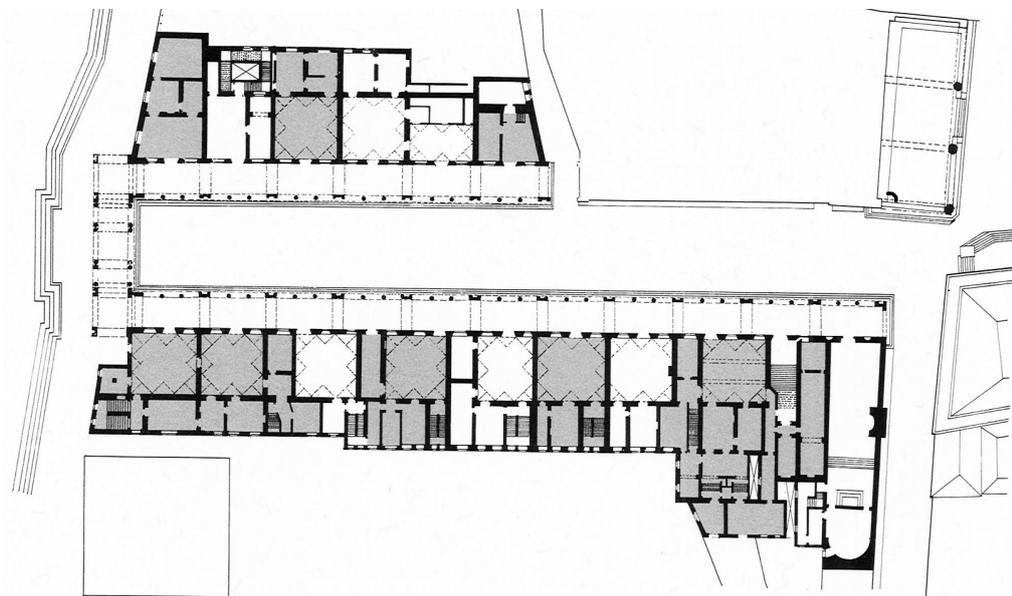


Figura 02 – Planta do Palácio dos Uffizi, projetado por Giorgio Vasari em 1560
Fonte – Uffizi.com

Um novo marco na história da arquitetura dos edifícios de escritórios se deu com a Revolução Industrial, que ocorreu entre os séculos XVIII e XIX. Com o surgimento das indústrias, também nascia a necessidade de espaços específicos nas fábricas para as atividades administrativas de controle da produção. Já no fim do século XIX, segundo Cagnol (2013), com o advento de tecnologias de comunicação e transporte, como o telefone, o telégrafo e as estradas de ferro, estas atividades não precisavam mais estar ligadas ao local de produção fabril, fazendo com que surgissem os primeiros edifícios comerciais nas cidades mais industrializadas. Vale destacar que, com o desenvolvimento do capitalismo moderno, o número de profissões especializadas se multiplicou. Segundo Tozzi (2014), em 1910, eram 4 milhões de pessoas trabalhando em escritórios nos Estados Unidos.

No começo do século XX também surgia a primeira doutrina voltada para a racionalização e ao aumento da eficiência, fruto da mudança na escala de produção e do advento da concorrência. A teoria administrativa científica do trabalho elaborada por Frederick W. Taylor, o conhecido Taylorismo, influenciava vários aspectos do trabalho.

Suas ideias, quanto à concepção espacial, preconizavam a segregação espacial como meio de reafirmar as diferenças hierárquicas, visando o incentivo da competição interna e estímulo das performances individuais. A racionalização introduzida pela padronização do mobiliário e a rigidez do layout era uma forma de assegurar a disciplina e a linearidade do processo de trabalho. Assim, constitui-se o perfil de um novo tipo de escritório denominado layout americano ou taylorista.

(FONSECA, 2004, p. 21)

De acordo com Fonseca (2004), os escritórios tayloristas se configuravam espacialmente de forma a lembrar uma planta industrial, onde funcionários de baixo escalão ocupavam um grande salão central, em postos de trabalhos alinhados lado a lado, sempre às vistas de um funcionário supervisor. Os gerentes, por sua vez,

ocupavam salas privativas ao redor destes salões, e funcionários de escalões mais altos ocupavam salas mais cômodas e luxuosas em pavimentos superiores. Dessa forma, a arquitetura espelhava todos os valores defendidos por Taylor: “ordem, hierarquia, supervisão e despersonalização”. (DUFFY, 1997) Sendo assim, a teoria taylorista, de forma a racionalizar o máximo possível a produção, se preocupava com questões como os movimentos e o tempo das atividades realizadas pelos trabalhadores, sendo extremamente rígida e que ignorava todo e qualquer bem estar do proletariado.

Ao falar da evolução arquitetônica dos espaços, é imprescindível destacar a o papel da tecnologia como impulsionadora das transformações. A Escola de Chicago, dentre outros motivos, foi um importante centro irradiador de tais mudanças.

De acordo com Cioffi (2011), ainda no fim do século XIX e começo do XX, Chicago buscava reerguer-se depois de um dos maiores incêndios da história dos Estados Unidos. Além dos inúmeros mortos e desabrigados, 18 mil edifícios foram destruídos em 1871. Nos anos seguintes, através de doações de grandes empresários da indústria e do comércio, novos edifícios começaram a ser construídos, tornando a cidade um grande campo de experimentações para arquitetos. Dentre os profissionais que foram atraídos para a Chicago, estão Louis Sullivan, Mies van der Rohe e Frank Lloyd Wright.

Sendo assim, a Escola de Chicago tornou-se responsável pela disseminação de ideias que levariam à construção de edifícios cada vez mais altos e amplos, possibilitada pela introdução de estruturas de concreto armado e aço, as quais permitiam também aberturas cada vez maiores. Além disso, vale destacar a presença de elevadores, sistemas de climatização do ar e grandes fachadas de vidro.

Frank Lloyd Wright foi o responsável pelo projeto do Larkin Administration Building, construído em 1904, e que buscava encarar de forma global e integrada o projeto arquitetônico e o design dos ambientes. Capaz de abrigar cerca de 1800 trabalhadores, distribuídos em um grande átrio central circundado por 4 pavimentos de galerias e salas privativas, este edifício apresentava um sistema central de renovação e climatização do ar, bem como paredes e mobiliário capazes de

absorver ruídos. Wright referia-se ao projeto como “templo do trabalho dos colarinhos brancos”. (Fonseca, 2004)



Figura 03 – Larkin Administration Building, projetado por Frank Lloyd Wright

Fonte: Great Buildings

Figura 04 – Interior do Larkin Administration Building

Fonte: Great Buildings

Frank Lloyd Wright, mais tarde nos anos 1930, quando as empresas começaram a buscar uma identidade própria, projetou o edifício da administração da S.C. Johnson, o conhecido Johnson Wax Building. Nele, a arquitetura ainda refletia o forte senso de hierarquia, típico dos escritórios do começo do século XX nos estados Unidos: no mezanino, acima de todos, ficavam os gerentes observando o resto dos empregados. Vale destacar que, apesar do projeto não possuir vistas do mundo exterior, sendo artificialmente iluminado, “foram adotados os famosos pilares de capitel circular e o mobiliário metálico de cantos arredondados foi disposto de forma orgânica, antecipando as novas transformações que ocorreram a partir das décadas de 50 e 60, com a crise do taylorismo” (Fonseca, 2004).



Figura 05 – Interior do Johnson Wax Building

Fonte: Great Buildings

Figura 06 – Exterior do Johnson Wax Building

Fonte: Great Buildings

Nas décadas de 1950 e 1960, a arquitetura dos escritórios americanos ainda buscava refletir as teorias de gerenciamento do fim do século XIX e começo do XX, as quais focavam no controle, monitoramento e comando da força de trabalho. Porém, notava-se uma maior preocupação com o layout destes escritórios como forma de melhorar a produtividade.

Segundo Budd (s/d), o edifício Union Carbide Building (1960), construído em Nova Iorque e projetado por Gordon Bunshaft, do escritório Skidmore, Owings & Merrill, é um exemplo de um escritório configurado de modo a enaltecer a hierarquia, no qual o tamanho e localização das salas dependiam do cargo daquele que a ocuparia. Os elementos interiores seguiam um rígido plano modular, com uma estética racional, onde os trabalhadores eram expostos a um senso de utilidade, eficiência e modernidade. De outro lado, Bunshaft buscou trazer cores, obras de arte e iluminação de qualidade para o ambiente de trabalho, indicando um desejo de obter um impacto positivo nas pessoas, de modo geral.

Ao mesmo tempo em que o Union Carbide Building estava sendo construído, uma empresa de consultoria alemã, chamada Quickboner Team, apresentava um novo conceito em arquitetura de escritórios: o “*open landscape office*” – uma espécie de escritório em planta livre (escritório panorâmico). Segundo Duffy (1997), estes espaços eram o resultado de uma forma de pensar os locais de trabalho através da análise dos processos de comunicação que existiam dentro de uma empresa.

Para Pile (1984), os estudos do Quickboner Team mostravam que as atividades laborais eram prejudicadas e confusas devido a uma configuração irracional dos espaços. Pessoas que necessitavam uma constante comunicação estavam geralmente distantes umas das outras e, aquelas que não requeriam contato, muitas vezes estavam juntas espremidas em uma sala. Sendo assim, se observava que a expressão do status era mais importante do que atender a demandas de cunho prático e lógico.

Como solução, o Quickboner Team propôs, e depois demonstrou, um tipo de escritório onde havia um grande espaço totalmente livre de paredes, divisórias e corredores. Neste escritório, os empregados eram localizados de acordo com o fluxo de comunicação. Fluxos de papéis e contato audiovisual eram facilitados, os gerentes eram acessíveis, grupos de trabalho sentiam um senso de coesão e mudanças e reconfigurações eram fáceis.

(PILE, 1997, p. 8)

Já no começo dos anos 60, este conceito de concepção de espaços de trabalho passou a ser fortemente adotado na Alemanha e, depois, em outros países europeus, principalmente os escandinavos. Um pouco mais tarde chegou aos Estados Unidos, onde foi recebido com certo ceticismo devido a questões que evidenciavam a carência das condições ambientais destes espaços, como excesso de ruídos, pouca privacidade e muita distração.

De acordo com Budd (2001), um inventor americano chamado Robert Probst, desenvolveu um sistema de mobiliário para escritórios o qual foi responsável por consolidar o “*open plan office*” nos Estados Unidos. O “*Action Office 2*” contava com um sistema modular para que questões como privacidade e compartimentação fossem facilmente configuradas.

Vale destacar que as diferenças hierárquicas continuavam a existir, mas eram amenizadas pelo convívio em um mesmo espaço de chefes e chefiados.

Nos anos 1970, o Centraal Beheer Office Building, projetado por Herman Hertzberger em Apeldoorn na Holanda, significou um marco na arquitetura de escritórios. Considerado uma “vila de trabalhadores”, ele apresentava uma abordagem democrática do ambiente de trabalho, quebrando os modelos de hierarquia que vinham prevalecendo até então. Dessa forma, segundo o próprio Hertzberger (2006), os funcionários tinham a liberdade de personalizar seus postos de trabalho da maneira que preferissem – trazendo vasos de plantas, pôsteres, diferentes cores e até animais de estimação.

O ponto de partida foi a doutrina de que todo o trabalho, assim como toda a atividade recreativa, se desenvolve em pequenos grupos, não individualmente nem coletivamente. Um estudo da situação demonstrou que os diversos componentes do programa podiam ser interpretados como espaços, ou lugares, de 3x3 metros, ou de seus múltiplos. [...] Se é possível dizer que este edifício tem potencial não só para absorver mudanças internas de longo alcance, como também para dar a impressão de que poderia receber objetivos diferentes, isto se deve à sua articulação.

(HERTZBERGER, 2006, p. 194)

Neste projeto, pequenas estações de trabalho para grupos de aproximadamente 10 pessoas foram articuladas repetidamente ao longo do espaço, tornando-o flexível e comunicativo. Sendo assim, os seus usuários podiam ter a sensação de fazer parte de uma comunidade de trabalho, e não apenas um número para seus superiores.



Figura 07 – Interior do Centraal Beheer Office Building, por Herman Hertzberger

Fonte: Dezeen

Figura 08 – Exterior do Centraal Beheer Office Building

Fonte: Dezeen

É importante lembrar que, de acordo com Fonseca (2004) a crise do petróleo, ainda nos anos 1970, exerceu influência sobre a forma de planejar escritórios, pois exigiu uma redução no consumo energético dos edifícios. Dessa forma, o trabalhador perdeu a sua autonomia para regular os sistemas ambientais, como ar condicionado, os quais passaram a ser controlados por um sistema central.

Na década seguinte, a redução dos custos continuou sendo uma preocupação constante para as empresas, mas novas tecnologias começaram a surgir fazendo com que processos de trabalho fossem agilizados e a produtividade otimizada. Os edifícios passaram a se adaptar à novas demandas provocadas, principalmente, pelo surgimento das redes de informática.

Segundo Duffy (1997), a tecnologia da informação foi o principal agente de mudanças na arquitetura e design de escritórios nos últimos anos. Para ele, tratava-se também de uma questão sociológica, pois além de demandar estruturas físicas mais modernas, novas e mais complexas organizações sociais do trabalho surgiriam. O computador pessoal dava vida a um novo trabalhador, que não necessariamente estava mais preso à sua mesa de trabalho.

Ao longo dos anos 1990 e 2000, o uso do computador pessoal se tornou cada vez mais comum e imprescindível para as atividades das empresas, fazendo com que o novo ambiente de trabalho possibilitasse ligações menos hierárquicas e mais comunicativas e livres. Neste contexto, um novo padrão de utilização do espaço

começou a surgir, a partir da ideia de que ele deveria ser ocupado de acordo com a demanda de uso. Duffy (1997) define estes espaços como clubes, nos quais as atividades são autônomas, mas ao mesmo tempo interativas.

Um exemplo deste conceito de escritório é Chiat/Day, projetado por Clive Wilkinsen em Los Angeles. Nele, cada funcionário possui um espaço próprio, de acordo com a sua função, e não sua posição na hierarquia da empresa. Além disso, o arquiteto buscou tratar os ambientes de forma leve e divertida, com um certo senso de humor. Para Budd (2001), Wilkinsen conseguiu unir conceitos de privacidade, pertencimento, imagem, motivação, controle, e eficiência, os quais já foram fontes de contraste e controvérsia entre ambientes clássicos e alternativos de trabalho. Dessa forma, pode-se dizer que o arquiteto deixou um legado no modo de se tratar os ambientes corporativos.

Nos últimos anos, a crescente preocupação em tornar o espaço de trabalho mais humano, sustentável e criativo, tem levado à novos conceitos de escritórios. Muitos deles influenciados por uma economia que visa eliminar excessos e custos desnecessários, bem como aliar diversos campos de conhecimento em um único espaço, sempre conectados ao que existe de mais moderno em termos de desenvolvimento tecnológico.

Ou seja, frutos de uma economia colaborativa, surgem os espaços compartilhados de trabalho – os *coworkings*.

3. OS ESPAÇOS COMPARTILHADOS DE TRABALHO

3.1 ECONOMIA COLABORATIVA

A necessidade de se pensar em um modo de produção e consumo mais conscientes, que sirvam como base de uma sociedade mais justa e democrática, sempre existiu. Porém, a combinação de uma crise financeira global (ocorrida em 2008) com a evolução das tecnologias digitais, foi um dos catalisadores para o surgimento de uma nova estrutura econômica.

De acordo com Cashman (2012), a perda de confiança nos setores financeiro e administrativo (gerada por uma diminuição no poder de compra da população) levou a uma mudança coletiva no modo de pensar a maneira como vivemos, trabalhamos e nos socializamos. Dessa forma, os conceitos de compartilhamento e colaboração ganharam força entre aqueles que buscam uma cultura coletiva, aliada à sustentabilidade e ao consumo consciente. Sendo assim, a economia colaborativa surge de forma a ampliar os horizontes, mostrando que grande parte do que é excedente ainda pode ser útil. Ou seja, é impulsionada pelo desejo de se reduzir o desperdício e aumentar os ganhos financeiros através de formas socialmente sustentáveis. Segundo Poloni (2016), “o mais importante no conceito de economia compartilhada é a possibilidade da utilização de forma conjunta (simultaneamente ou ao longo do tempo) de recursos que até recentemente eram usados apenas individualmente”.

Vale destacar que isso se torna possível, principalmente, devido ao avanço da cultura digital. Além do desejo de se otimizar o uso de recursos, a economia colaborativa também tem como objetivo o compartilhamento de ideias e experiências, fazendo com que as relações sociais aconteçam tanto online, quanto off-line. Sendo assim, a internet, que antes era a responsável pelo isolamento dos indivíduos, hoje é a grande facilitadora de conexões.

Os aplicativos digitais, por exemplo, servem como pontos de encontro, onde consumidores encontram fornecedores e vice-versa. Dentre eles, pode-se citar a maior empresa de hospedagem do mundo, o Airbnb, que apesar de não possuir um

quarto sequer, permite que mais de 800 mil leitos sejam alugados em 192 países. Ou seja, conecta pessoas que oferecem acomodação em suas propriedades a pessoas que buscam hospedagem em uma determinada região. Outro grande exemplo de plataforma digital que tem feito sucesso no âmbito da economia colaborativa, é o Uber. Usando o meio digital como facilitador, este aplicativo se resume em colocar motoristas em contato com clientes que precisam se locomover.

Neste cenário, encurta-se a distância entre a oferta e a demanda, a dinâmica do mercado acontece de forma prática, fácil e rápida, mostrando que basta um computador e uma boa ideia para se criar um negócio lucrativo. Além disso, “minimiza-se a importância do verbo ‘comprar’ e surgem outras possibilidades, como ‘alugar’, ‘trocar’, ‘emprestar’ e ‘compartilhar’” (Poloni, 2016). Este modelo “*on demand*” de consumo está diretamente ligado à questão da responsabilidade social e visa atenuar o problema do desperdício.

Além de uma mudança no padrão de consumo, a economia colaborativa também pode causar impacto na maneira com que produzimos. De acordo com Cashman (2012), plataformas digitais de compartilhamento de ideias¹ permitem a disponibilização de projetos com patentes liberadas, fazendo que a dependência de oligopólios de produção seja diminuída e que o desenvolvimento das ideias seja otimizado através da participação de mais colaboradores.

O conceito de economia colaborativa representa uma mudança significativa nas relações econômicas. Com tantas inovações, ele vem para agregar valor ao que já existe no mercado. O modelo de escritório comum, que antigamente se transformava de acordo com as transformações no modo de produção, hoje passa a se transformar de acordo com a rápida evolução da tecnologia e com as necessidades pessoais de cada trabalhador.

¹ São as chamadas plataformas de código aberto, as quais promovem um licenciamento livre para o design de um produto que, por sua vez, pode ser distribuído universalmente, para consulta e, também, modificações.

3.2 O CONCEITO DE COWORKING

Segundo Huwart, Dichter e Vanrie (2012), a evolução das tecnologias de massa tem influenciado cada vez mais a maneira com que as pessoas gerenciam seu tempo e estilo de trabalho. Neste contexto, surge uma geração de trabalhadores flexíveis, os quais podem realizar suas atividades a partir de qualquer lugar, de acordo com suas próprias necessidades.

Como visto no capítulo 2 desta pesquisa, Duffy (1997) já trabalhava com o conceito de clube, um espaço que deveria ser ocupado de acordo com a demanda, de forma a proporcionar ao mesmo tempo autonomia e interatividade aos seus usuários. Mais tarde, em 1999, de acordo com Foertsch e Cagnol (2013), o termo “*coworking*” foi usado pela primeira vez por Brian DeKoven, o qual buscava identificar um método que facilitasse o trabalho colaborativo através de encontros de negócios coordenados por computadores. Para evitar o isolamento e a estrutura hierárquica extremamente rígida, este método incentivava um ambiente não-competitivo, onde todos pudessem trabalhar como iguais.

Contudo, o primeiro local oficialmente denominado de *coworking* foi inaugurado apenas em agosto de 2005 por Brad Neuberg, em São Francisco nos Estados Unidos. Segundo DeGuzman e Tang (2011), Neuberg viu uma oportunidade de criar um espaço colaborativo a partir do entendimento de que as tecnologias possibilitavam novas formas de encontros e trocas de ideias. Nele, as pessoas poderiam trabalhar com a estrutura de um escritório, porém com a liberdade e independência de um *free-lancer*.

Sendo assim, pode-se dizer que o princípio básico de um *coworking* é a reunião de diversos profissionais em um mesmo espaço de trabalho, porém cada um trabalhando em seus próprios projetos. Para isso, trata-se de um local onde os usuários podem alugar espaços de trabalho com toda a infraestrutura de um escritório, a partir de custos mais baixos e com planos personalizados para a necessidade de cada um.

Compostos em sua maioria por profissionais autônomos, iniciando novos projetos ou em começo de carreira, os espaços compartilhados de trabalho tornam-

se incubadoras de ideias. Neste contexto, se tornam “locais criativos e enérgicos, onde inovadores de todos os tipos interagem, compartilham, constroem e criam novos e melhores projetos, muitas vezes mutuamente apoiados e patrocinados” (Huwart, Dichter e Vanrie. p. 7, 2012). Além disso, oferecem a possibilidade de conectar microempresas e empresários que, através da troca de conselhos e experiências, podem gerar novas ideias e solucionar problemas, geralmente enfrentados por mais de uma das partes.

Vale destacar que a facilidade de interação entre os *coworkers* permite a criação de uma comunidade, onde os participantes compartilham dos mesmos princípios e apreciam o desenvolvimento de uma rede de contatos através da troca de ideias e informações que mais se aproximam de seus interesses. Para também melhorar a capacidade empreendedora de seus membros e reforçar a ideia de pertencimento de uma comunidade, estes espaços frequentemente oferecem e promovem eventos, workshops, aulas e palestras.

Além do espírito de comunidade estabelecido dentre os membros de cada *coworking*, existem portais e plataformas digitais que buscam aproximar os mais diversos espaços existentes mundo afora. Através da conexão virtual, o espírito colaborativo que se busca em escala local, se expande e gera uma rede global de colaboradores.

Pode-se citar o portal wiki.coworking.org como uma destas plataformas. Nela, são discutidos os mais variados tópicos relacionados ao trabalho em espaços compartilhados e, através de discussões, estabeleceu-se os 05 valores mais importantes para um *coworking*. São eles: sustentabilidade, acessibilidade, comunidade, abertura e colaboração.

Como dito anteriormente, a economia colaborativa busca eliminar o desperdício através da otimização dos recursos. Segundo Grozdanic (2016), os *coworkings* surgem como uma forma **sustentável** de utilizarmos os espaços de trabalho existentes nas grandes cidades. Enquanto escritórios tradicionais passam boa parte dos dias fechados e desocupados (antes e após as jornadas de trabalho), a maioria dos *coworkings* funciona 24 horas por dia, 07 dias por semana, com um fluxo intenso de usuários. A flexibilidade com que cada um gerencia o seu próprio tempo, gera um padrão de ocupação que evita a criação de espaços ociosos em

nossas cidades. Além disso, dentro de cada ambiente de trabalho, são estabelecidos princípios de sustentabilidade que vão além da simples política de não desperdiçar papel. Neste contexto, apoiar e estimular os colegas também se torna uma atitude sustentável, pois contribui para a evolução da comunidade.

O pertencimento à uma comunidade é o que também garante ao *coworking* o senso de **acessibilidade**. A praticidade destes espaços mostra que todos que estão ali, o fazem por vontade própria. Dessa forma, se torna um local extremamente positivo e estimulante ao trabalho, pois seus membros de fato fizeram a escolha de participar de uma determinada comunidade. A facilidade de acesso à ela, neste caso, é igualmente importante ao acesso ao espaço físico.

Fala-se muito de **comunidade**, mas o que ela realmente significa no contexto de um *coworking*? Segundo Alex Hillman, diretor do Indy Hall, o foco de um espaço compartilhado de trabalho deve ser sempre nas pessoas, nas suas interações e nas conexões criadas acima de tudo. Sendo que as decisões da administração de um *coworking* devem ser tomadas de acordo com o que é melhor para seus membros e para a interação entre eles. Dessa forma, cria-se a ideia de pertencimento à algo maior, à um grupo de pessoas que acreditam nos mesmos valores e valorizam a criação de sinergias, não apenas à um mero edifício de escritórios.

Chris Messina, um dos precursores do movimento *coworking* no mundo, acredita que as decisões devem ser sempre tomadas de maneira transparente, expansiva, liberal e inclusiva (Blog Coworking, 2016). Dessa forma, garante-se liberdade e independência, fatores essenciais para que se tenha **abertura**, tanto moralmente quanto economicamente, em um espaço compartilhado de trabalho.

Por fim, como afirma Huwart, Dichter e Vanrie (p. 9, 2012), o *coworking* é um reflexo dos novos valores que estão surgindo no mundo do trabalho, na sociedade e na economia. Dessa forma, a **colaboração**, como visto anteriormente nesta pesquisa, exerce um papel fundamental neste espaço, onde todos os membros são vistos como colaboradores e não apenas meros locatários.

Vale destacar que, apesar da ideia de se utilizar um espaço compartilhado de trabalho ainda ser considerada como novidade para muitos, já existem pesquisas que buscam analisar os benefícios de um *coworking*. A partir de uma série de entrevistas realizadas com usuários destes espaços, Spreitzer, Bacevice e Garrett

(2015) chegaram a uma média de 06, em uma escala que vai de 0 a 07, para demonstrar o nível de prosperidade dos trabalhadores neste ambiente de trabalho.

Dentre as vantagens apontadas pelos pesquisadores, cita-se o controle da rotina como uma delas. Ou seja, a possibilidade de se poder usar o espaço 24 horas por dia, 07 dias por semana, permite que o *coworker* produza de acordo com suas necessidades e preferências pessoais. Dessa forma, a flexibilidade se torna uma aliada quando se busca mostrar progresso e trabalhar com prazos.

Além disso, a ideia de pertencimento a uma comunidade reforça a confiança pessoal de cada *coworker*, pois trata-se de um ambiente pouco competitivo, principalmente pela ausência de grandes corporações, onde o trabalho se dá de forma rígida e hierárquica. Assim, a produção se torna cada vez mais significativa, onde autonomia e autenticidade são respeitadas e incentivadas.

Percebe-se, dessa forma, que a criação de uma comunidade forte é a base do bom funcionamento de um *coworking*. Para Foertsch (2011), as conexões criadas dentro de um espaço compartilhado de trabalho são vistas como oportunidades para expansão de negócios e aquisição de mais conhecimentos, contribuindo para o aumento da produtividade e da renda do usuário.

Para Silveira (2016), quando comparado a um *home office*, o *coworking* só não é mais vantajoso quando se analisa o tempo gasto com transporte e os gastos de manutenção do espaço (o quais podem ser neutralizados com o aumento dos lucros). Tratando-se de questões como rede de contatos, distrações e infraestrutura, o *coworking* contribui para a criação de um *network* de trabalho, bem como evita o envolvimento com assuntos domésticos e particulares durante o expediente, e oferece infraestrutura adequada, principalmente para os profissionais que necessitam de um maquinário específico.

Embora a ideia de um *coworking* como um espaço compartilhado de trabalho pareça bastante simples, percebe-se que há uma filosofia por trás de todo o ambiente que significa mais do que alugar um espaço bonito e agradável para as atividades do dia-a-dia. O *coworking*, diferentemente de um espaço convencional de trabalho, estimula a criatividade, troca de ideias, participação, cria laços de amizade e condena a competitividade. É um exemplo para a sociedade a partir do momento

em que utiliza das inovações como o propulsor de um ciclo de produção e consumo mais conscientes, justos e democráticos.

3.3 OS ELEMENTOS DE UM COWORKING

Um *coworking*, assim como todo e qualquer outro edifício (seja ele um centro de artes, uma casa ou um shopping, por exemplo), possui um espectro de necessidades que, por sua vez, será traduzido em sua arquitetura. Quando, tanto aspectos físicos como sociais são levado em conta, pode-se chegar à criação de um ambiente que reflita e reforce os valores de um *coworking* (Bacevice, Burow e Triebner, 2016).

Para Fayard e Weeks (2011), proximidade, privacidade e permissividade são elementos interconectados e que podem encorajar a interação entre as pessoas. A distância que separa um coworker de outro, bem como de outras partes do edifício, influencia aspectos sociais e psicológicos que, por sua vez, determinam o grau de privacidade e permissividade durante o expediente. Pode-se dizer que diferentes distancias geram diferentes graus de interação, sendo que, segundo Hertzberger (2006), é essencial que o espaço não seja totalmente formal. A informalidade funciona de modo a permitir que cada usuário estabeleça os limites de cada interação, sem forçar e tampouco inibir qualquer tipo de contato interpessoal. Dessa forma, espaços que facilitem encontros casuais e reuniões, como áreas de estar, cozinhas compartilhadas e mesas comunitárias, aproximam os membros sem que estes percam sua privacidade.

Vale destacar que, de acordo com Broek (2012), permissividade também significa a possibilidade de customização do ambiente de trabalho, tornando-o mais agradável para as atividades do dia a dia laboral. Quando um membro tem a liberdade de intervir em seu local de trabalho, ele se sente mais a vontade de estar ali, intensificando o seu bem estar e, também, estimulando sua criatividade.

Broek (2012) ainda aponta acessibilidade, equipamentos e energia compartilhada como aspectos fundamentais para a concepção de um edifício dedicado ao trabalho colaborativo. A acessibilidade significa a facilidade de entrar e

sair do edifício, bem como estar localizado em uma região com oferta de transporte de público e serviços, como cafés, restaurantes e lojas.

Com relação aos equipamentos, existem muitos profissionais que, em começo de carreira, não possuem os recursos necessários para adquirir o maquinário necessário. Dessa forma, um espaço que ofereça mais equipamentos, tem chances maiores de atrair mais membros. O mesmo vale para a oferta de itens básicos, como mesas e cadeiras, os quais também aumentam os gastos quando se pensa em abrir um escritório tradicional.

Por fim, a energia compartilhada representa a capacidade de disseminação de energias dentro de um *coworking*. Esta, de certa forma, é o resultado da combinação entre a privacidade, permissividade e proximidade. Quando há um equilíbrio entre estes elementos, ideias e habilidades são cultivadas, estimulando a evolução de cada *coworker* e do espaço como o todo. A possibilidade de compartilhar experiências é um dos maiores atrativos em um *coworking*.

Para Bacevice, Burow e Triebner (2016), determinar o modo como se deseja trabalhar, antes de tudo, é o melhor caminho para se obter um projeto de arquitetura de qualidade. Portanto, foram estabelecidos sete atributos que devem ser levados em conta durante o processo de criação de um *coworking* (tanto arquitetônica, como filosoficamente). São eles: localização, invólucro, perspectiva, tamanho, exposição, tecnologia e temporalidade.

Com relação à localização, deve-se determinar o grau de acessibilidade de um espaço, determinando o quão próximo este deve estar da periferia ou do centro do edifício. O invólucro determina o quão aberto ou fechado deve ser este espaço, estabelecendo a necessidade de divisórias entre os ambientes. A perspectiva diz respeito à direção do foco e da atenção do usuário, refletindo quando existe uma atividade individual ou coletiva. O tamanho, por sua vez, reflete a necessidade de espaços mais amplos ou compactos para a realização de determinadas atividades.

Por fim, a exposição, a tecnologia e a temporalidade estão conectadas aos aspectos citados por Broek (2012) e Fayard e Weeks (2011), porém, de acordo com Bacevice, Burow e Triebner (2016), devem ser analisadas quando se trata de o quão privativo um espaço deve ser com relação a aspectos visuais e acústicos, o quão

dependente um espaço deve ser de mecanismos tecnológicos e o quão convidativo este deve ser para atividades de lazer.

Ou seja, todos os aspectos citados neste capítulo devem ser analisados de acordo com as necessidades de cada *coworking*. Sabe-se que existem diversas comunidades, diversos modos de trabalhar, diversos enfoques, que é o que faz de cada ambiente um lugar único e especial para seus membros. Portanto, deve-se ponderar as demandas de forma a criar um espaço que valorize, represente e incentive os valores de um *coworking*.

3.4 COWORKINGS TEMÁTICOS

O perfil dos usuários de um *coworking* pode variar de lugar para lugar, passando pelos *freelancers*, jornalistas, advogados, designers e até mesmo arquitetos. A partir desta demanda diversificada, alguns espaços buscam atender nichos específicos de profissionais, oferecendo cursos, palestras e eventos focados em determinadas áreas de trabalho, bem como assessoria jurídica, de comunicação e marketing especializadas, impulsionando a produção e consumo daquilo que é produzido no *coworking*. Um dos exemplos de coworkings temáticos são aqueles destinados aos designers de moda e à produção de protótipos (utilizados em sua maioria por engenheiros, arquitetos, designers e empreendedores).

Segundo Santacana (2012), a ideia do *coworking* de moda surgiu através de cafés que disponibilizavam máquinas de costura para *freelancers* que buscavam iniciar algum projeto e não possuíam o maquinário necessário para tal. A partir disso, o desejo de retomar o gosto por produtos exclusivos, artesanais e customizados e de se evitar a produção de massa fez com que estes espaços ganhassem popularidade e necessitassem de ambientes específicos para a realização das atividades de criação e produção de moda.

Através de plataformas digitais, designers e pequenos empresários do ramo começaram a criar uma comunidade e, pouco a pouco, foram surgindo os primeiros *coworkings* de moda. Dessa forma, os usuários não só escapam da solidão do

trabalho realizado em casa, como também encontram os equipamentos necessários para a realização de suas atividades, a um preço acessível.

Os primeiros *coworkings* de moda surgiram na Europa, sendo que um deles funciona dentro da faculdade *Escuela Sevilla de Moda*, na Espanha. Todos aqueles que não dispõem de uma plataforma adequada para o estímulo da criatividade e a troca de ideias sobre o mundo *fashion*, encontram um ponto de encontro no espaço.

Os seus membros contam com diversos tipos de serviços para auxiliar no desenvolvimento de seus trabalhos, como de comunicação e marketing, ajudando no posicionamento das marcas no mercado, ou de desenvolvimento de negócios, auxiliando na profissionalização das mesmas.

O *Coworking Sevilla de Moda* não possui instalações próprias, em compensação, divide 2.000 m² com as funções da faculdade. Neles, estão distribuídos oficinas de padronagem e confecção, estúdios de desenho, onde os *coworkers* podem elaborar suas criações, e um espaço showroom, onde podem exibir e vender seus produtos.



Figura 09 – Oficina de desenho e workshops no Coworking Sevilla de Moda
Fonte: Coworking Sevilla de Moda

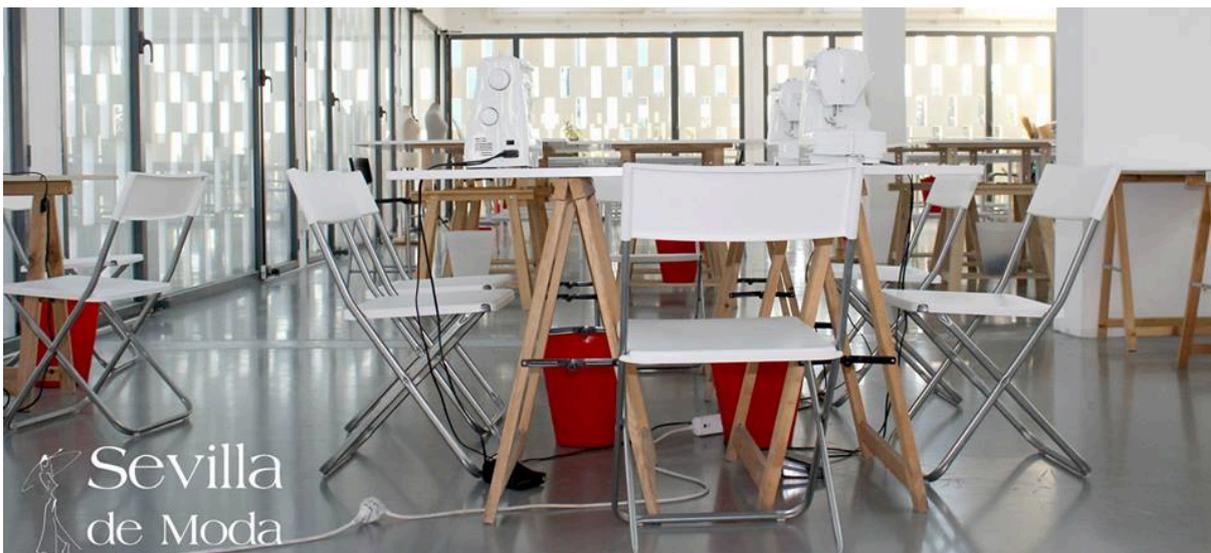


Figura 10 – Oficina de Costura no Coworking Sevilla de Moda
Fonte: Coworking Sevilla de Moda

Já o primeiro *coworking* dedicado aos profissionais de moda no Brasil foi inaugurado em 2016 na cidade de São Paulo. O LabFashion conta com sala de costura (com todo o material necessário, como mesas desmontáveis, máquinas de costura, tecidos e aviamentos), sala para atendimentos pessoais (com araras, manequins e provador), estúdio de fotografia, espaço para *coworking* e espaço para eventos e workshops. Além disso, oferecem serviços de assessoria, palestras e cursos livres, estimulando novas formas de produção e consumo.



Figura 11 – Espaço de coworking
Fonte: LabFashion



Figura 12 – Sala de costura
Fonte: LabFashion

Com o advento das máquinas de impressão 3D, surge um movimento voltado para a filosofia do “faça você mesmo”, ou seja, “uma força subversiva que vai contra o consumismo, tornando o consumidor passivo em um produtor ativo” (Patani, 2013). Dessa forma, as plataformas de código aberto ganham cada vez mais usuários e, aos poucos, criam a demanda por espaços direcionados à produção, experimentação e troca de ideias relacionadas a este tipo de manufatura.

Estes espaços contam com a tecnologia de vários equipamentos para impressão 3D, mas também oferecem máquinas de corte a laser, de corte 3D, bem como, impressoras 2D de alta qualidade. Além disso, oferecem workshops, palestras e cursos relacionados à produção e ao empreendedorismo.

Um exemplo de espaço destinado à manufatura do estilo “faça você mesmo” está localizado em Liverpool, na Inglaterra, que se chama DoES. Nele, os membros contam com equipamentos de corte e impressão 2D e 3D, e podem participar de eventos onde aprendem a manuseá-los e podem trocar ideias e experiências com outros participantes.



Figura 13 – Oficina do DoES. Com ares de garagem, o DoES oferece maquinário para a criação dos mais diversos produtos.
Fonte: Does Liverpool



Figura 14 – Workshop no DoES. O DoES também promove eventos para estimular e promover encontros e trocas de experiências entre a comunidade do coworking.
Fonte: DoES Liverpool

Para um *coworking* destinado à arquitetos e designers, deve-se levar em conta toda a infraestrutura de um *coworking* comum, como salas privativas, salas de reuniões, auditório e espaços de lazer. Porém, como se trata de um ambiente destinado a produção de protótipos (de design de moda, de produto, de maquetes e etc.), também deve oferecer espaços adequados para tal, como visto nos *coworkings* temáticos.

4. ESTUDOS CORRELATOS

O presente capítulo é dedicado à análise de edifícios de *coworkings* existentes, a fim de compreender como estes espaços se configuram na prática. Como esta é uma tipologia recente no que se diz respeito a edifícios de escritórios, ainda existem poucos projetos que não são frutos de uma reciclagem ou adaptação de uma construção. Por isso, foram selecionados três projetos internacionais, dois referentes à adaptações, porém com disposições espaciais que podem ser usadas como referência, e o outro dedicado à construção de um edifício específico para o funcionamento de um *coworking*.

No Brasil, todos os espaços compartilhados de trabalho fundados até hoje ocupam pavimentos de edifícios corporativos ou são resultado de reformas de edifícios antigos ou, até mesmo, de casas de perfil residencial. Por isso, foi selecionado o projeto de um edifício de escritórios corporativos em Curitiba, a fim de analisar a arquitetura relacionada ao tema, buscando ideias que podem ser utilizadas, futuramente, na concepção de um edifício de *coworking*.

4.1 SECOND HOME – LONDRES

Localização: Londres, Inglaterra

Arquiteto: SelgasCano

Área: 2.400 m²

Inauguração: 2014

Localizado em Londres, na Inglaterra, o espaço compartilhado de trabalho *Second Home* foi projetado em 2014 pelo escritório espanhol SelgasCano, responsável também por projetos como o *Serpentine Gallery Pavillion* de 2015 e reconhecido pelo uso da transparência e das cores para dar um caráter de leveza e fluidez aos edifícios.

O *Second Home* é o primeiro projeto do escritório espanhol na cidade e está situado na região de *Spitafields*, no leste londrino, conhecida pelo seu caráter alternativo e pela revitalização realizada devido aos jogos olímpicos de 2012, após passar por anos de degradação.



Figura 15 – Entorno do projeto
Fonte: ARCHDAILY

Segundo os autores do projeto, o *Second Home* ocupa um edifício já existente, que no passado foi uma fábrica de carpetes, e abriga cerca de 30 pequenas empresas relacionadas ao ramo da tecnologia, dentre elas o *Foursquare*. Vale destacar que a busca por um posto de trabalho neste *coworking* é tão grande que cerca de 60 a 70 companhias tiveram de ser recusadas pela administração do espaço.



Figura 16 – exterior do Second Home

Fonte: ARCHDAILY

Figura 17 – entrada do Second Home

Fonte: ARCHDAILY

Nele, são disponibilizados diferentes módulos para aluguel, variando desde um posto de trabalho em um ambiente para 75 pessoas, até estúdios privativos que abrigam de 5 a 20 pessoas. O programa também inclui áreas de uso comum, que podem ser utilizadas por qualquer um dos membros, como 7 grandes salas de reuniões, áreas de descanso que podem servir para leitura ou encontros mais casuais, um grande bar e cafeteria aberto ao público e uma zona mista para trabalhos e eventos. Vale destacar que, nesta zona, uma grande mesa comunitária pode ser suspensa sobre o vazio, liberando o piso para atividades que variam de aulas de yoga a festas, concertos de música, conferências e *workshops*.



Figura 18 – Interior do projeto – áreas comuns X espaços de trabalho
Fonte: archdaily

Ocupando um espaço caracterizado pela ortogonalidade e pela simplicidade da trama de pilares, o projeto busca otimizar o uso das áreas através de linhas curvas, eliminando cantos que poderiam ser subutilizados. As formas orgânicas permitem um jogo entre expansão e compressão dos espaços, sem interferir na fluidez do programa. Sendo assim, o projeto resulta em uma harmônica coexistência de ambientes coletivos e/ou privados com áreas de permanência e/ou passagem.

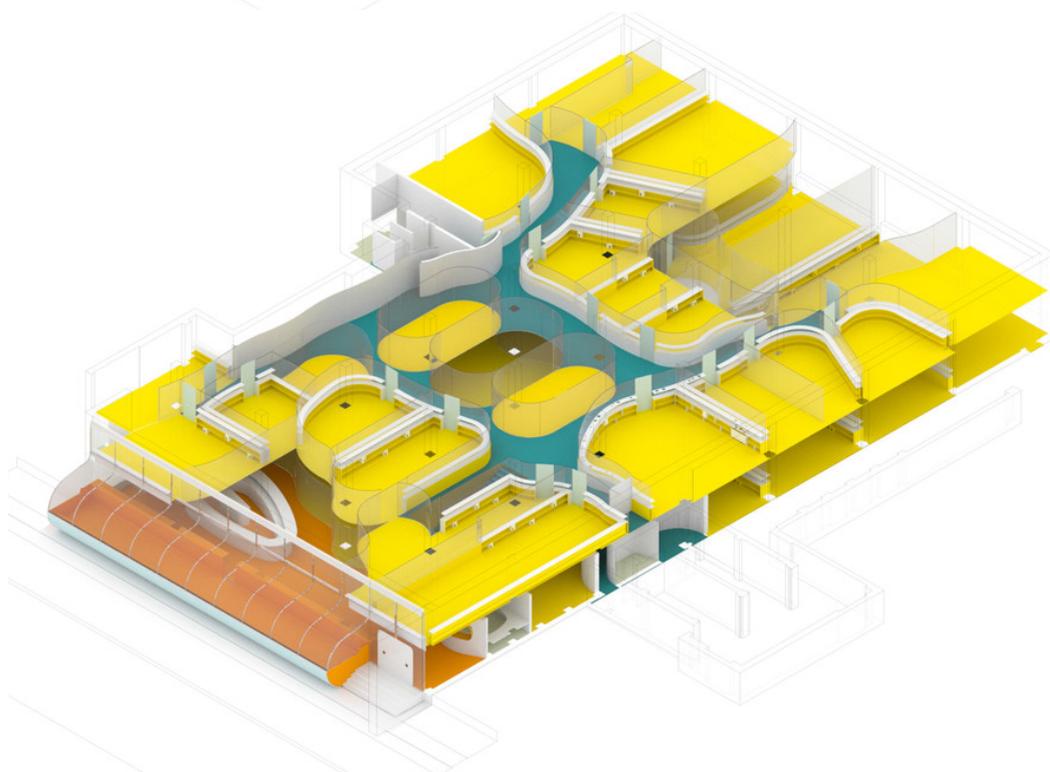
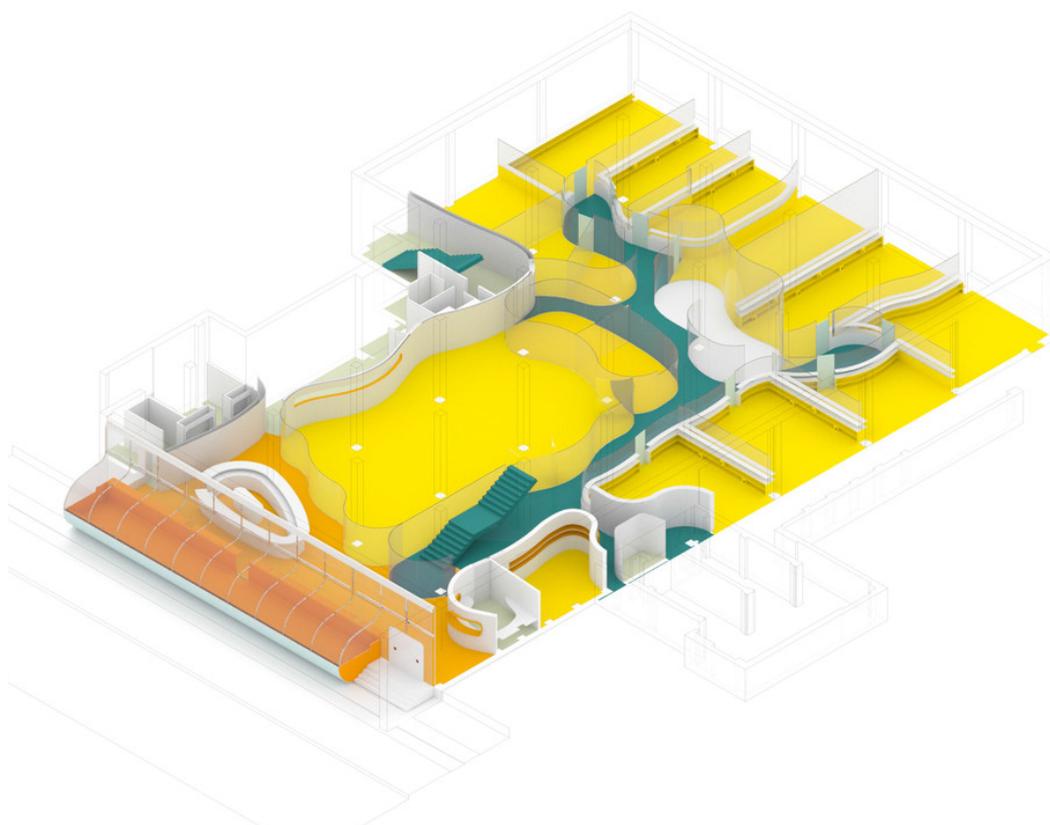


Figura 19 – Perspectivas isométricas – mostram a relação de cheios e vazios no espaço.
Fonte: ARCHDAILY

Ainda vale destacar que a combinação das formas curvilíneas com o acrílico, material predominante no edifício, não só permite uma permanente fluidez visual e física, como também dissolve as barreiras existentes entre uma companhia e outra, favorecendo o espírito colaborativo de um *coworking*. Contraditoriamente, tal combinação contribui de forma positiva para o isolamento acústico, requisito essencial para a realização do trabalho e que também conta com a ajuda do uso de carpetes e tetos absorventes.

Por possuir 2.400m², distribuídos em dois pavimentos, havia a possibilidade de que os ambientes centrais se tornassem escuros. Mas os arquitetos mostram que fizeram a melhor escolha com relação ao material usado, pois o acrílico também permite que a iluminação natural alcance praticamente todos os ambientes do escritório. Com relação à ventilação, o projeto conta com um forro rebaixado nas áreas de circulação, o qual permite que os dutos de passagem de ar cheguem aos espaços internos.



Figura 20 – Uso do acrílico e permeabilidade visual
Fonte: ARCHDAILY

Em entrevista ao jornal The Guardian, em 2014, o fundador do *Second Home*, Rohan Silva, afirma que o local é uma manifestação relacionada a biofilia². O espaço apresenta aproximadamente mil plantas e árvores, cultivadas de forma hidropônica, que se contrapõe à artificialidade dos materiais empregados. Além disso, o mobiliário não é uniforme, contando com uma mistura de móveis projetados especialmente para o *coworking* com peças clássicas e *vintage* garimpadas em mercados antigos. Não há um modelo de cadeira que se repita em todo o ambiente, por exemplo.

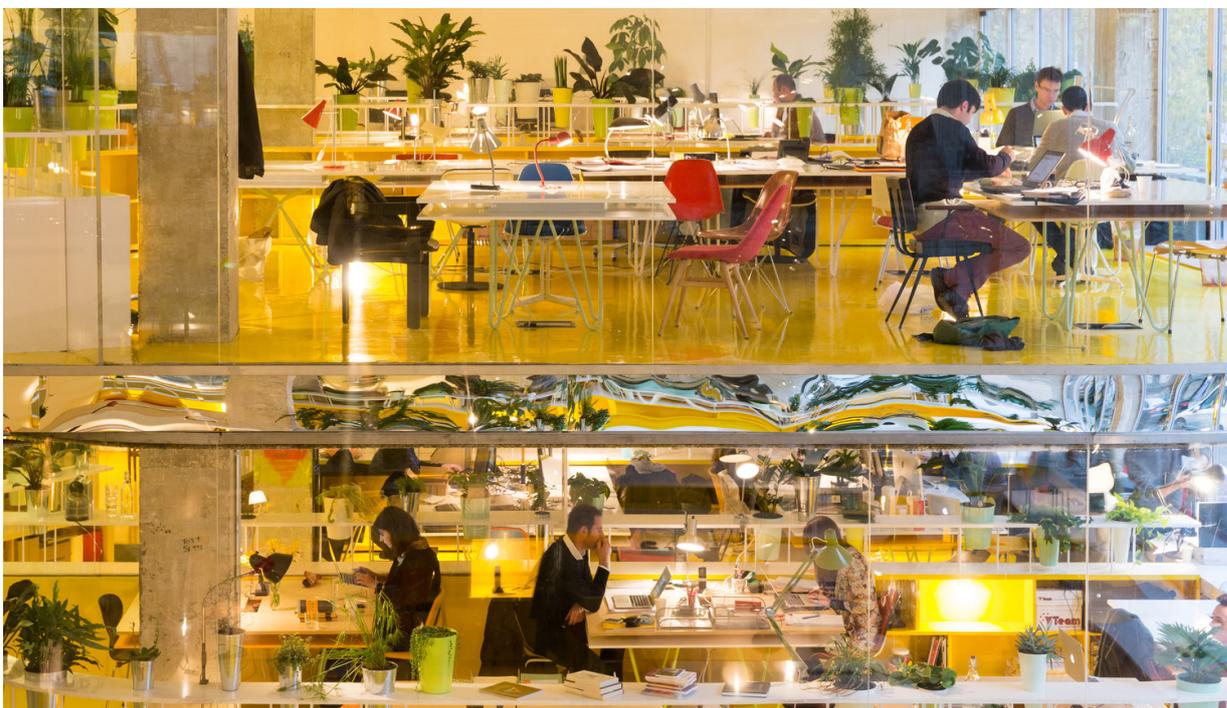


Figura 21 – Interior do Second Home - Uso de vegetação e de mobiliário diversificado
Fonte: ARCHDAILY

O *Second Home* é um ótimo exemplo de espaço compartilhado de trabalho, onde todos os valores de um *coworking* eficiente são apresentados: sustentabilidade, acessibilidade, comunidade, abertura e colaboração. Ele possui escritórios privativos com uma relação público x privado bem definida, os quais

²² Há alguns anos, o grande ecólogo americano Edward O. Wilson propôs a sua “hipótese da biofilia”. “Biofilia” —do grego bios, vida e philia, amor, afeição— significa literalmente “amor pela vida”, instinto de preservação e conservação.

estão, em sua maioria, localizados na periferia do edifício e, sobretudo, no pavimento superior, com a possibilidade de se observar praticamente tudo o que ocorre ao redor. Já os postos de trabalho individuais se situam no coração do edifício, no pavimento térreo, enquanto o bar e cafeteria está logo na entrada, convidando todos a conhecerem o *coworking*. As áreas de descanso e lazer se fundem com os locais de passagem, transformando todos os cantos do *Second Home* em áreas dinâmicas e vivas.

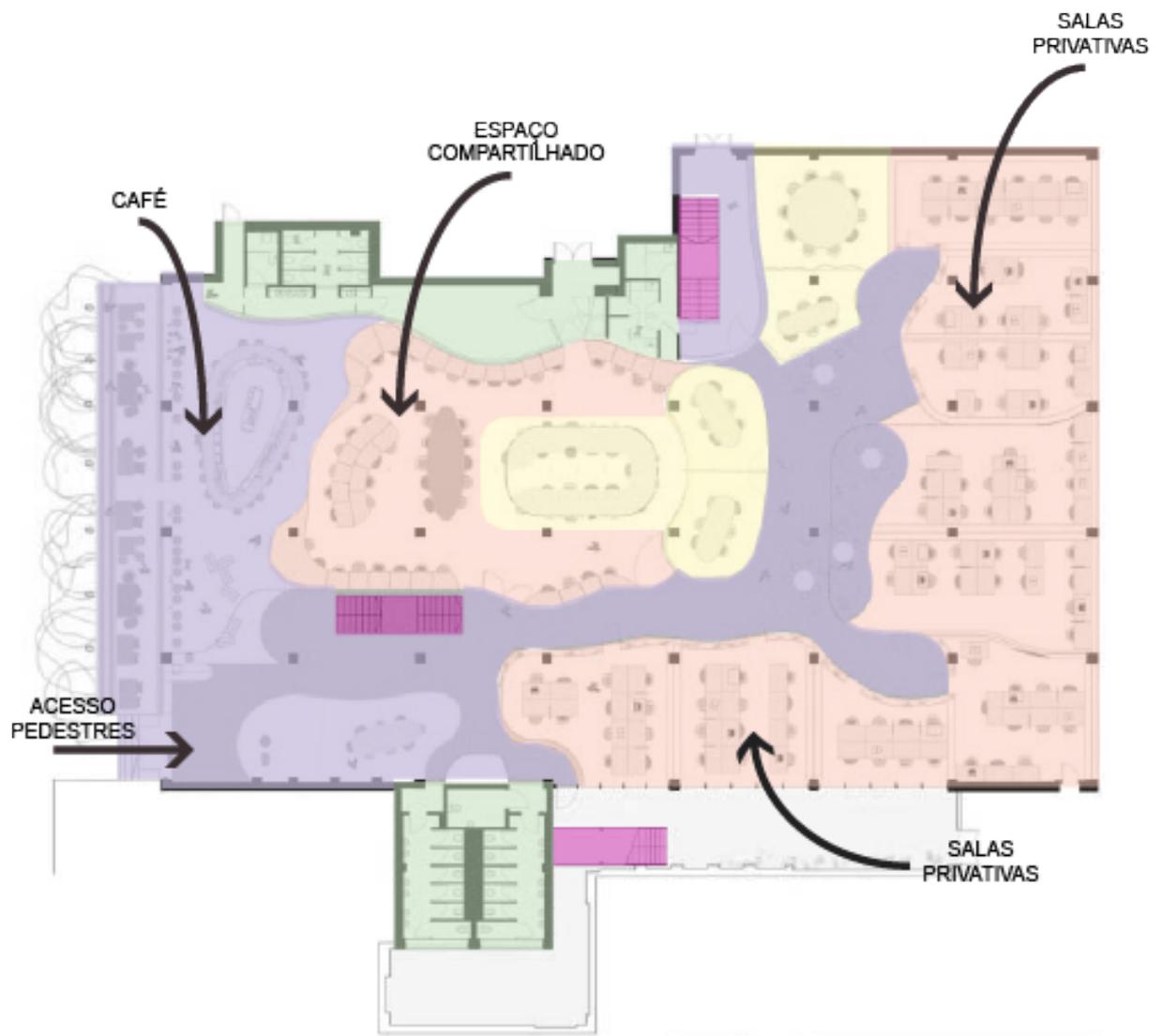


Figura 22 – Planta do pavimento térreo
Fonte: Architectural review

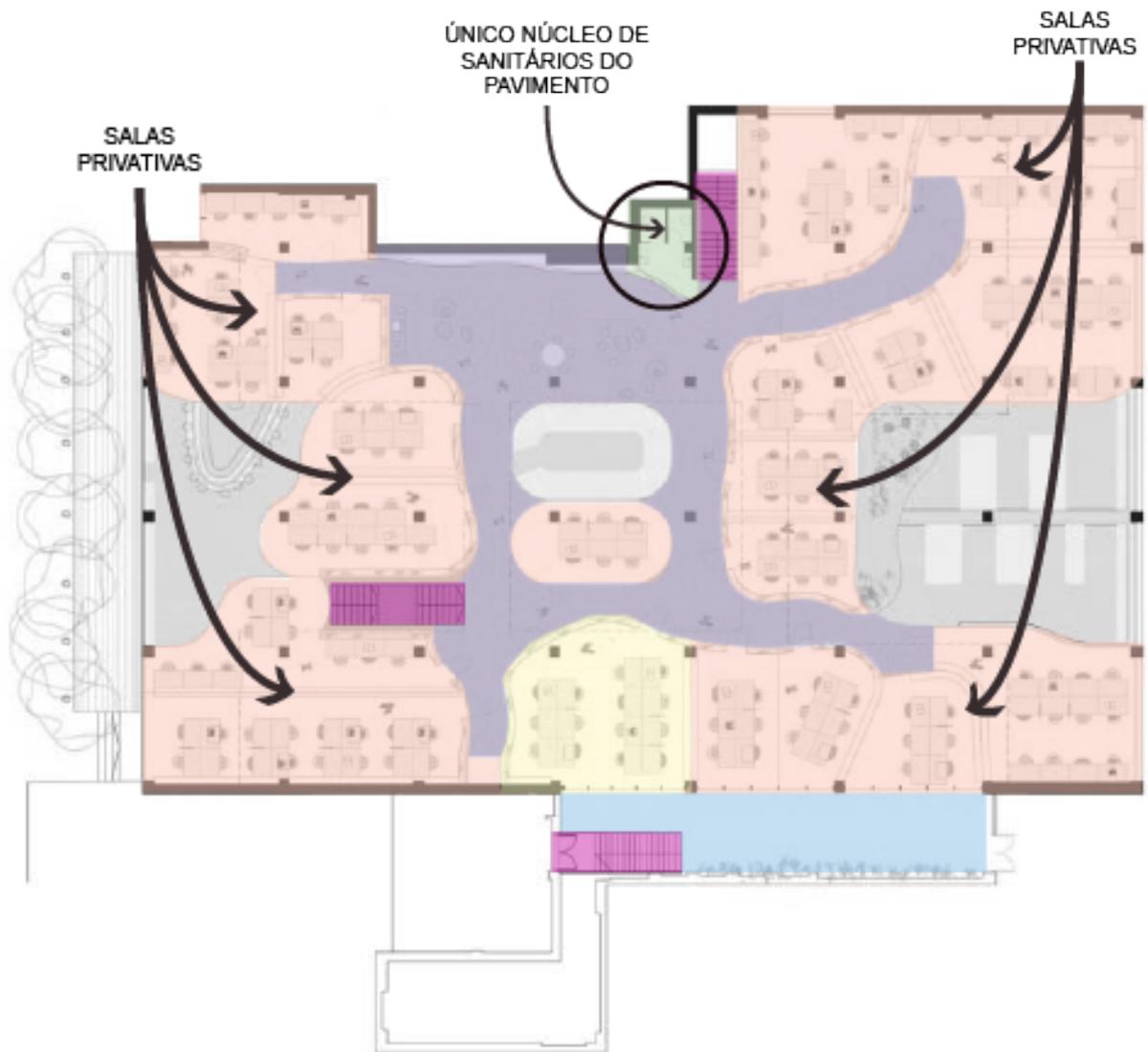


Figura 23 – Planta do pavimento superior
 Fonte: Architectural Review

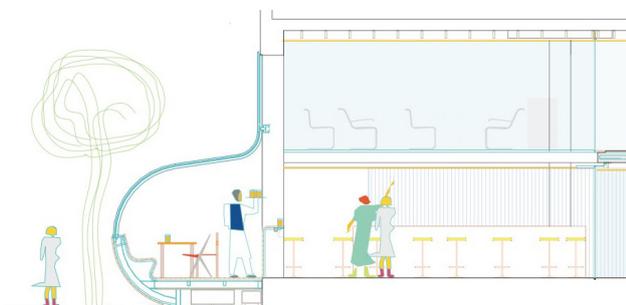


Figura 24 – Corte esquemático
 Fonte: ARCHDAILY

4.2 JOY CITY “WOO SPACE” – PEQUIM

Localização: Pequim, China

Arquiteto: HiperSity Office

Área: 2.600 m²

Inauguração: 2015

Localizado no Distrito de Chaoyang³ em Pequim, na China, o *Joy City* é uma das sedes do *coworking* Woo Space. Fundada em julho de 2015, esta rede tem se expandido rapidamente e já possui 5 outras localidades na metrópole chinesa. Esta sede, projetada pelo escritório chinês HiperSity, está destinada a jovens empreendedores e ocupa um antigo celeiro em um parque de negócios focado na indústria criativa.

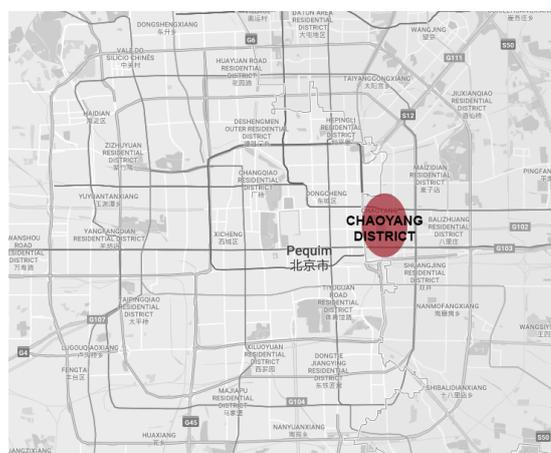


Figura 25 – Mapa de localização China

Fonte: Google Maps editado pela autora

Figura 26 – Localização Distrito Chaoyang

Fonte: Google Maps editado pela autora

³ O Distrito de Chaoyang é um dos que mais cresce em Pequim e possui vários subdistritos destinados à arte, à arquitetura e ao design, como o conhecido Distrito 798. Este, ocupa uma antiga área militar de fábricas e, hoje, é um dos maiores centros de arte da capital chinesa.



Figura 27 – Exterior do Joy Space – O projeto ocupa um antigo celeiro
Fonte: ARCHDAILY

O espaço original possuía apenas um pavimento, com pé direito que variava de 6,70 a 9,20 metros em seu ponto mais alto, e com uma área total de aproximadamente mil metros quadrados. Porém, o cliente buscava uma reciclagem a qual abrigasse um programa multifuncional, com espaços privados de trabalho, áreas comuns de *coworking*, café, auditório e espaços de eventos.

Para abrigar todas as demandas do cliente, foi aplicado um sistema de patamares em vários níveis, fazendo com que a área de trabalho se expandisse para 2.600 m². De modo geral, o espaço foi dividido em 3 grandes níveis, com 15 diferentes alturas, de forma a possibilitar que cada zona pudesse trabalhar com privacidade e independência ao mesmo tempo em que obtivesse visuais de todo o restante do edifício.

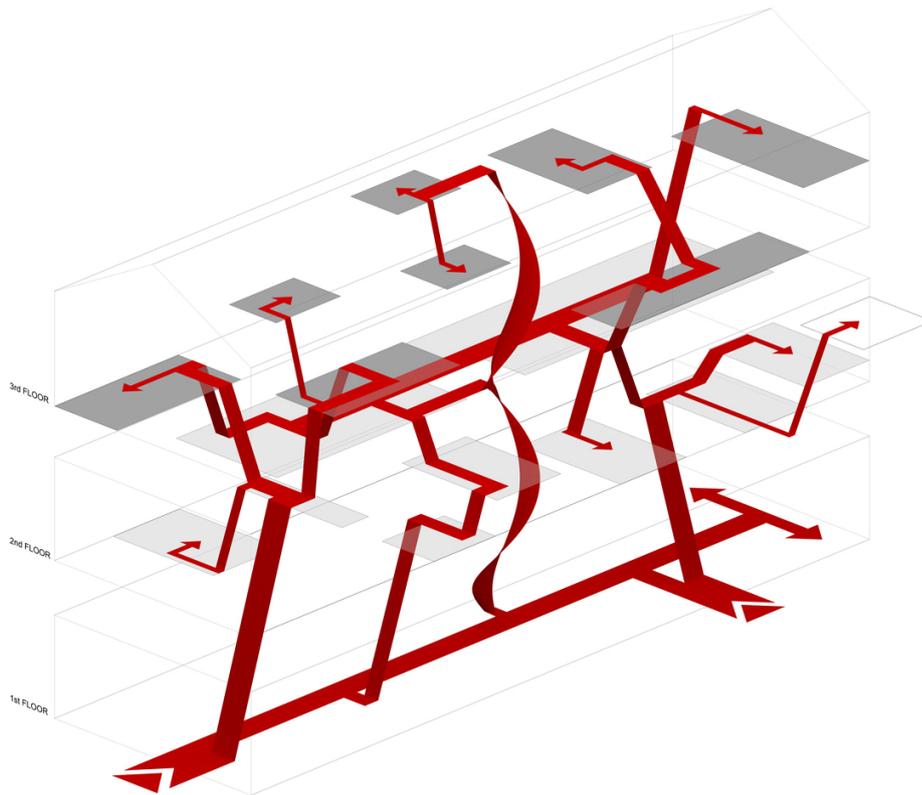


Figura 28 – Sistema de circulações
Fonte: ARCHDAILY

Nas áreas de lazer, o pé direito original foi preservado, criando uma atmosfera de relaxamento no edifício. Já nas zonas de uso temporário, como salas de conferência, cozinhas e salas de reuniões, estabeleceu-se um pé direito de 2,30 metros. O contraste gerado pelos diferentes níveis, desta forma, gera uma dinâmica e interessante experiência espacial.

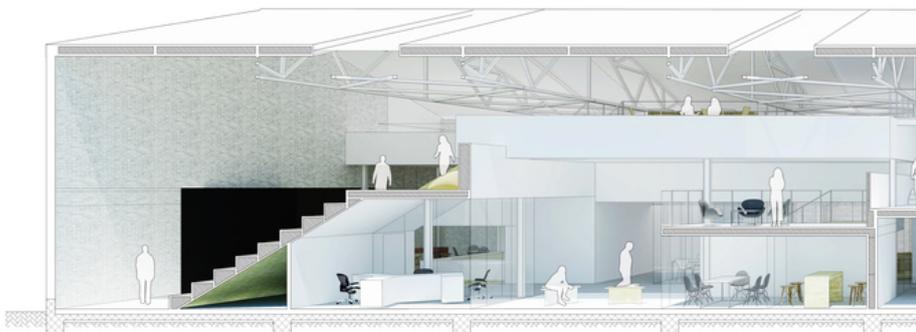


Figura 29 – Corte transversal
Fonte: ARCHDAILY

A entrada principal do edifício busca uma forma convidativa através dos desdobramentos de uma placa de metal, a qual conecta o interior ao exterior. Além disso, esta mesma placa possibilita a geração de um pequeno jardim em frente ao bar. Dentre as áreas de lazer, também pode-se citar um terraço interno, bem como um terraço aberto localizado na cobertura do edifício.



Figura 30 – Entrada principal

Fonte: ARCHDAILY

Figura 31 – Jardim do bar

Fonte: ARCHDAILY

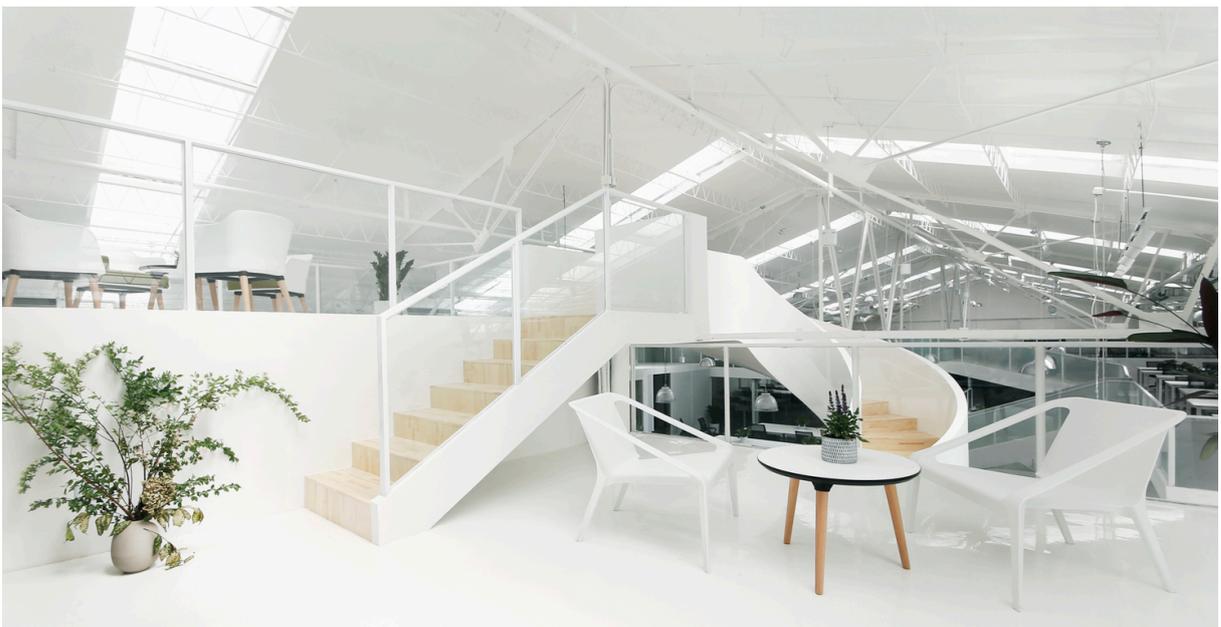


FIGURA 32 – Área de descanso – exemplificação dos diferentes níveis aplicados ao projeto

Fonte: ARCHDAILY

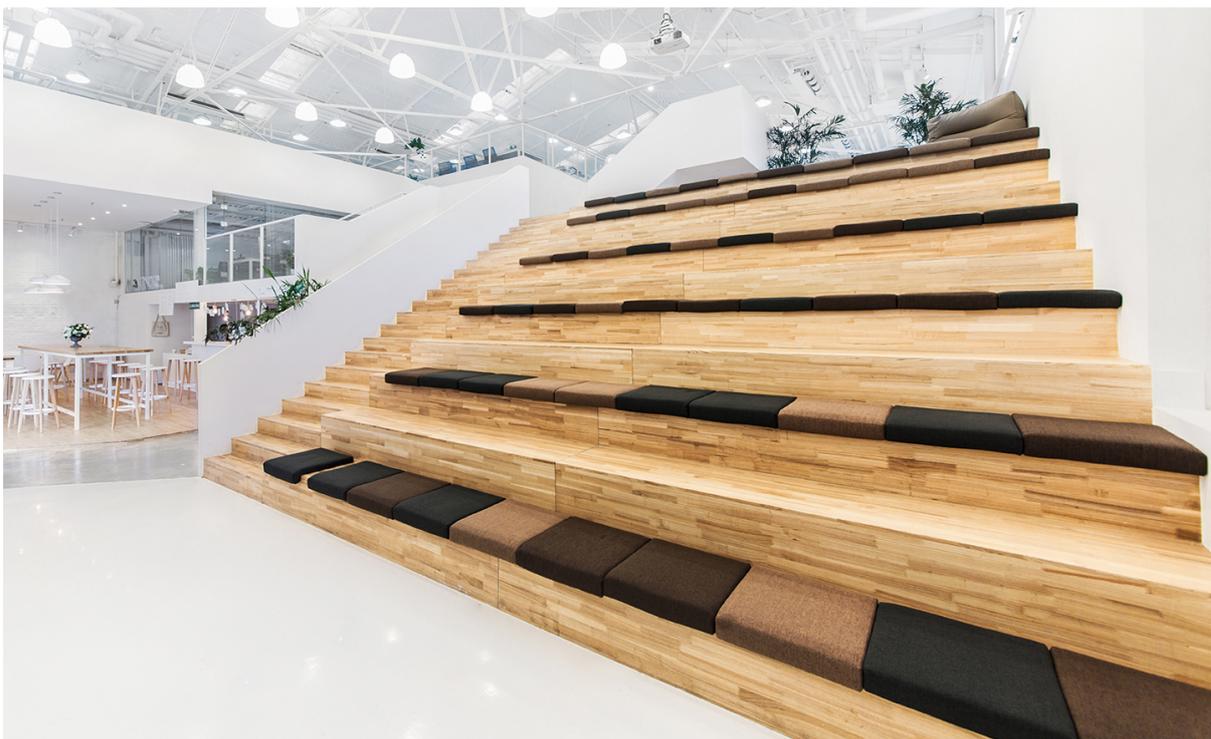


FIGURA 33 – Auditório – em áreas públicas, foi preservado o pé direito original do antigo celeiro.
Fonte: ARCHDAILY

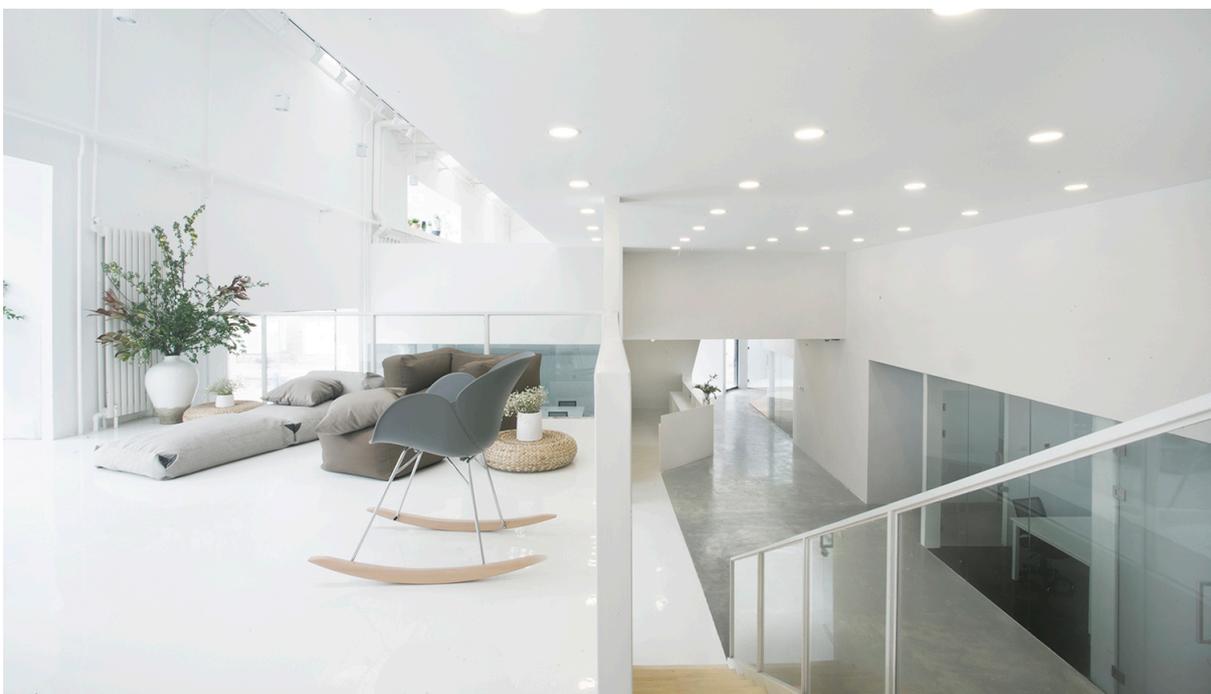
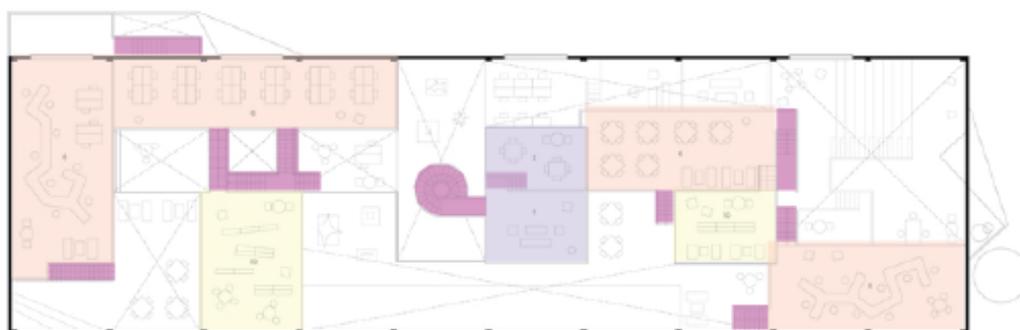


Figura 34 – Circulação e descanso – exemplificação dos diferentes níveis aplicados ao projeto
Fonte: ARCHDAILY



- | | |
|--|---|
|  Áreas comuns |  Coworking |
|  Áreas técnicas |  Áreas externas |
|  Conferências e workshops |  Circulação vertical |

Figura 35 – Planta do edifício
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora

Observa-se que o *Joy City* apresenta uma proporção de espaços de *coworking* semelhante à de áreas comuns, enfatizando a importância da existência de locais flexíveis, alternativos ao tradicional modelo do escritório quando se trata da produtividade de um profissional ou uma empresa. Além disso, essas mesmas áreas comuns servem como locais de passagem, fazendo o papel conector entre os diferentes espaços de trabalho, ressaltando o espírito de colaboração e união típicos de um *coworking*.

4.3 HIT3 – BUENOS AIRES

Localização: Buenos Aires, Argentina

Arquiteto: Alejandro Gawianski

Área: 2.300 m²

Inauguração: 2015

Localizada em Buenos Aires na Argentina, a HIT é uma rede argentina de *coworkings* (sigla proveniente de Hotéis de Inovação Tecnológica), a qual conta com 30 mil metros quadrados de espaços colaborativos, abrigando cerca de 3.000 profissionais. Segundo o proprietário da empresa, Alejandro Gawianski, o objetivo da comunidade HIT é chegar a 50 mil *coworkers* nos próximos 5 anos, expandindo-se para toda a América Latina. Gawianski, que é conhecido pelo perfil empreendedor, também é o arquiteto responsável pelo próprio projeto do HIT3, a terceira sede da rede, e afirma tratar-se de um edifício único, o primeiro prédio totalmente projetado para escritórios *coworking* da América do Sul.

Instalada no bairro Bajo Belgrano, esta sede esta localizada a 4 quadras da Praça Barrancas de Belgrano e ao lado do Parque Coronel Jordan C. Wysocki, garantindo visuais variadas da cidade de Buenos Aires. Além disso, esta próxima do aeroporto internacional Jorge Newbery, e de importantes centros de comércio e

cultura da capital argentina, como o bairro Palermo, com suas inúmeras praças, lojas e museus.

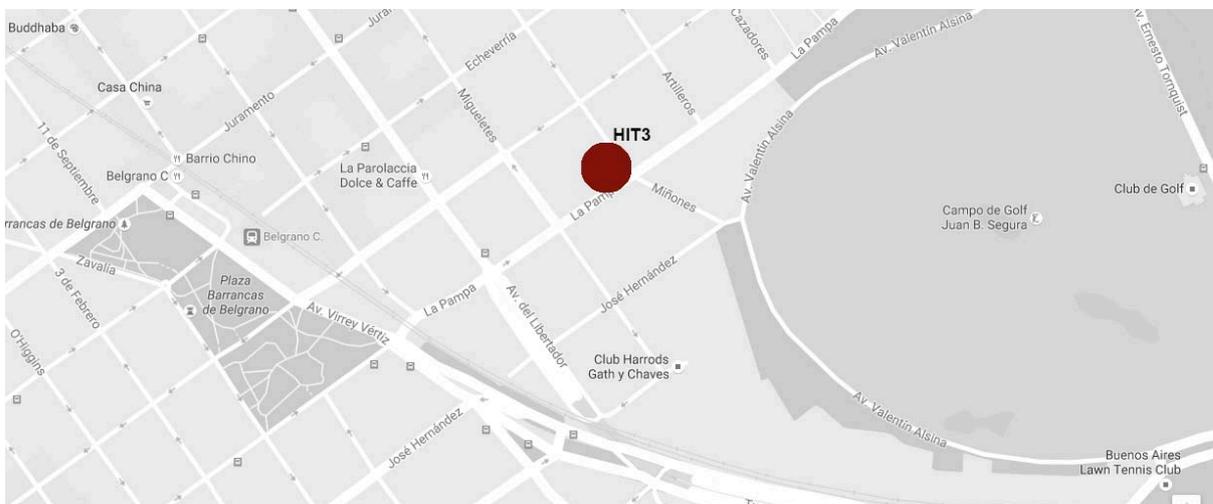


Figura 36 – Localização do coworking HIT3 – o edifício esta em uma região bastante urbanizada de Buenos Aires, porém ao lado de duas grandes áreas verdes, o que garante visuais variadas para quem está dentro do edifício.

Fonte: Google maps adaptado pela autora



Figura 37 – Balcão com vistas para o parque

Fonte: Archdaily



Figura 38 – Balcão com vistas para a cidade
Fonte: Archdaily

O projeto também busca se destacar na paisagem urbana através da presença de brises verticais, posicionados ritmicamente ao longo uma diretriz curva defasada em cada pavimento, gerando uma ilusão de movimento de acordo com o ponto de vista do observador ou pela incidência de luz. Além disso, o jogo de luzes e sombras e as diferentes percepções de movimento, se acentuam pelo fato de o edifício estar implantado em um terreno de esquina, com fachada sul, recebendo a luz solar em praticamente todos os momentos do dia e possibilitando ao pedestres diversas experiências ao redor do edifício. Ou seja, trata-se de um projeto que oferece experiências sensoriais tanto para quem esta dentro como para quem esta fora do espaço.



Figura 39 – Fachada do edifício - com brises verticais posicionados de acordo com a curva de cada pavimento, proporcionado a ilusão de movimento.

Figura 40 – Esquina - Implantado em uma esquina, tanto os usuários quanto os pedestres passam por experiências sensoriais ao se relacionarem com o projeto.

Fonte: ARCHDAILY

O espaço conta com 2.300 m² distribuídos em 9 pavimentos, o que, de certa forma, dificulta a integração vertical entre as empresas instaladas no edifício. O térreo, em planta livre, é ocupado por um *work café* de comidas rápidas e saudáveis, onde os usuários podem usufruir de momentos mais descontraídos durante o expediente de trabalho. Já os primeiro e segundo pavimentos são ocupados por salas privadas e comunitárias, enquanto o restante abriga escritórios de dimensões maiores. Já o último pavimento é ocupado por salas de reunião e auditórios de uso flexível.

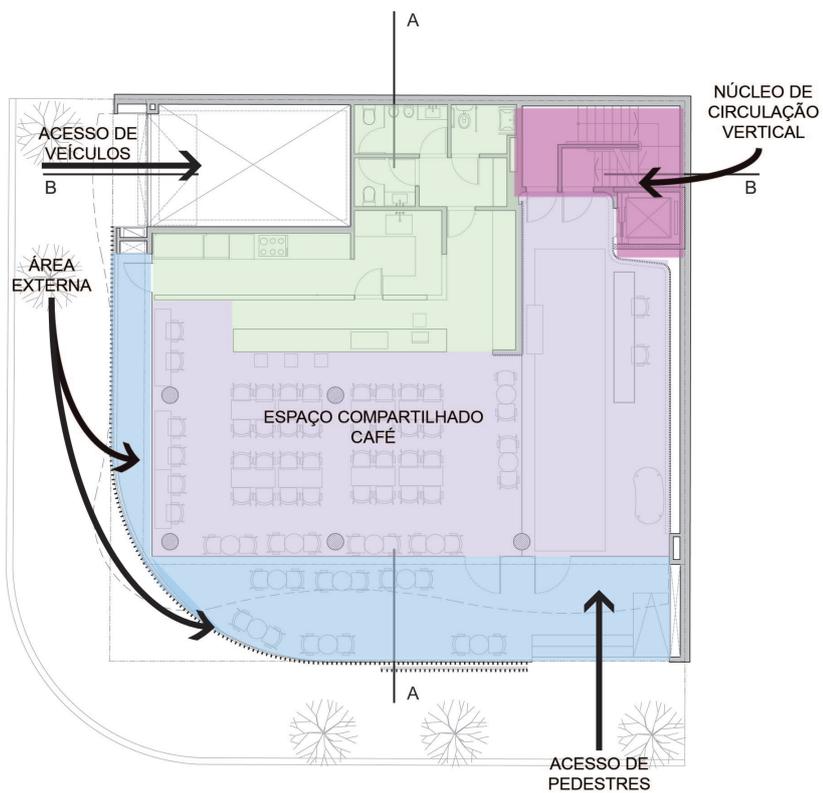


Figura 41 – Pavimento térreo
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora



Figura 42 – Primeiro e segundo pavimentos – salas privadas e comunitárias
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora



Figura 43 – Terceiro ao sexto pavimento – salas mais amplas
Fonte: Archdaily adaptado pela autora



Figura 44 – Sétimo pavimento – salas mais amplas
Fonte: Archdaily adaptado pela autora

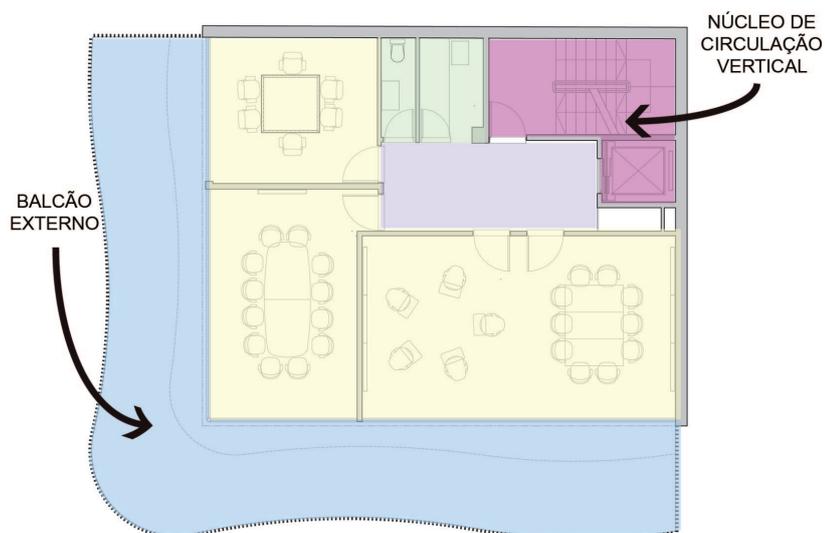


Figura 45 – Oitavo pavimento – salas de reuniões e auditório flexível
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora



O fato de possuir um programa distribuído ao longo de 9 pavimentos, em um terreno de dimensões relativamente pequenas, a princípio pode parecer incompatível com o programa de um coworking. Porém, o HIT3 busca trabalhar com espaços translúcidos, sendo o vidro o material predominante no projeto. Desta forma, o espírito colaborativo e de comunidade se apresenta através da relação visual que cada espaço pode estabelecer com o próximo.



Figura 46 – Interior do HIT3 - O vidro se torna um componente essencial quando busca-se um conceito de união entre os diferentes espaços de um coworking.
Fonte: Archdaily

É importante ressaltar que, na impossibilidade de se criar grandes vazios e espaços de convivência nos pavimentos de escritórios, o arquiteto buscou trabalhar com grandes balcões que circundam o edifício em todos os níveis. Aliados aos painéis corrediços de vidro, estes balcões permitem uma relação mais forte ainda com o exterior, fazendo com que o *coworking* também estabeleça uma certa conexão com aquilo que acontece ao seu redor. Ou seja, o espírito de comunidade se expande para o mundo externo.

Apesar de não seguir os padrões de um escritório compartilhado de trabalho (que geralmente se apresenta em plantas livres e amplas, com grandes vazios), o HIT3 consegue incorporar o espírito de união de um coworking. Percebe-se que cada ação foi tomada a fim de proporcionar algum tipo de experiência para o usuário ou para o pedestre que observa o edifício. Desde a criação de balcões que unem o exterior ao interior, ao uso massivo de vidro para acabamentos, aos mínimos detalhes construtivos que, no fim, resultam em uma harmônica ilusão de movimento da fachada.

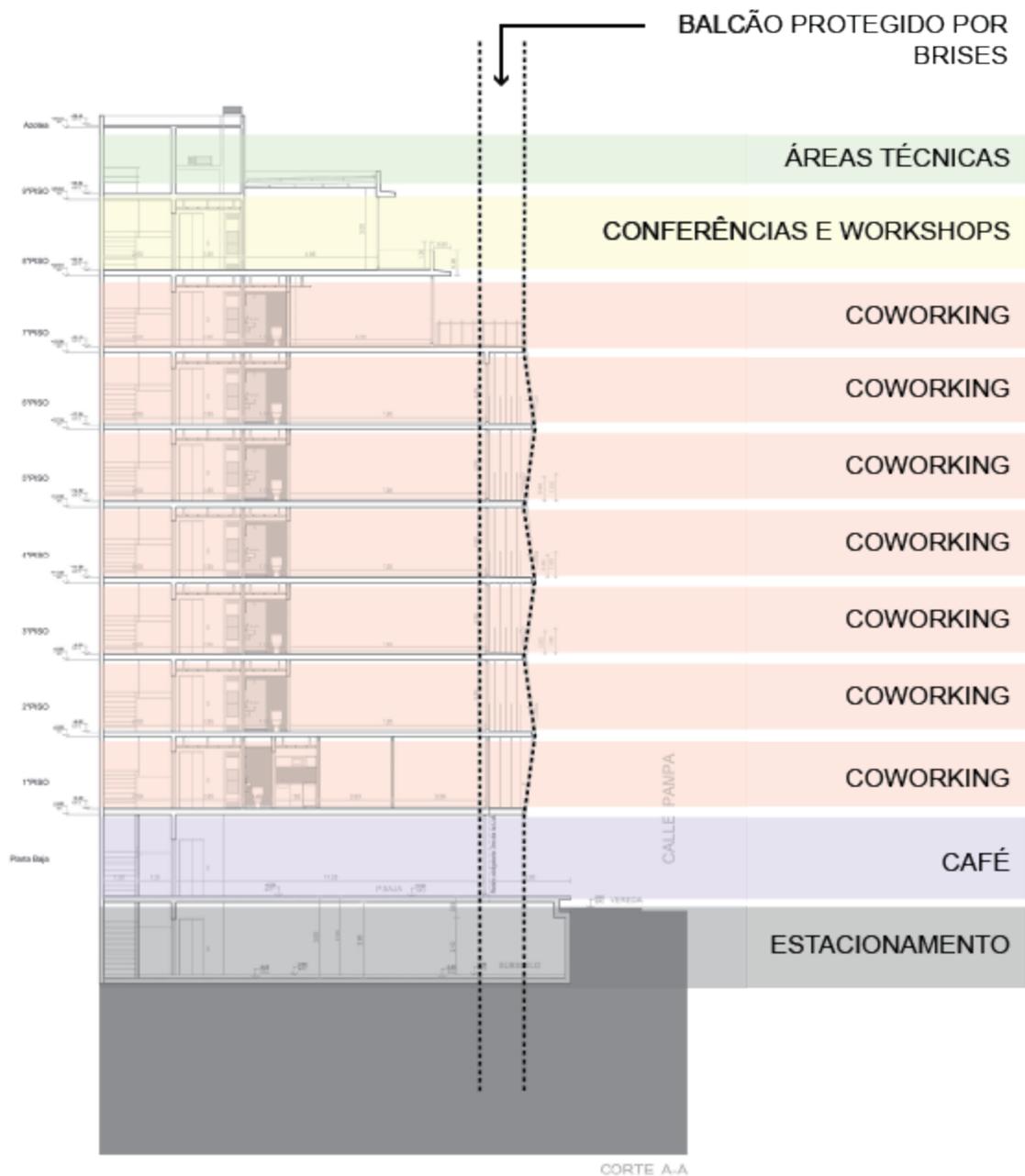


Figura 47 – Seção - A seção acima mostra a ausência de vazios internos mas, ao mesmo tempo, ilustra o movimento externos de brises, os quais, por sua vez, abraçam os balcões.
 Fonte: Archdaily

4.4 OXI – CURITIBA

Localização: Curitiba, Brasil

Arquiteto: Luiz Volpato Arquitetura

Área: 2.341 m²

Inauguração: 2011

Curitiba, como será abordado no capítulo seguinte desta pesquisa, é uma das cidades que apresenta a maior procura por espaços compartilhados de trabalho no Brasil. Dentre os maiores e mais importantes da capital paranaense, estão o Impact HUB e o Nex Coworking. Em sua maioria, estes espaços resultam da reciclagem de edifícios já existentes. Por isso, o próximo estudo de caso a ser abordado trata-se do projeto de um edifício inteiramente projetado para abrigar três empresas do ramo da construção civil. Apesar de não configurar um *coworking*, ele é um exemplo da arquitetura curitibana relacionada à tipologia de escritórios.

O OXI, projetado pelo escritório Luiz Volpato Arquitetura em 2011, está localizado na Rua Jerônimo Durski no bairro Campina do Siqueira, em um terreno que também faz conexão com a Rua Saldanha Marinho, permitindo o acesso por ambas as vias.



Figura 48 – Vista aérea do entorno do projeto - localizado em uma região de baixa densidade, predominantemente residencial.

Fonte: Archdaily adaptado pela autora



Figura 49 – Localização em Curitiba
Fonte: Google maps adaptado pela autora

Uma das condicionantes do projeto foi o terreno de proporções longilíneas, o qual direcionou à criação de dois grandes blocos principais adjacentes as divisas laterais. Conseqüentemente, uma grande praça central se criou, dando espaço para o acesso dos visitantes, que se dá abaixo do nível da rua de forma protegida e intimista. Essa praça é fechada em sua outra extremidade por uma coluna transparente de circulação vertical, formada por halls, escada e elevador panorâmico, e que faz a ligação entre os dois blocos principais.

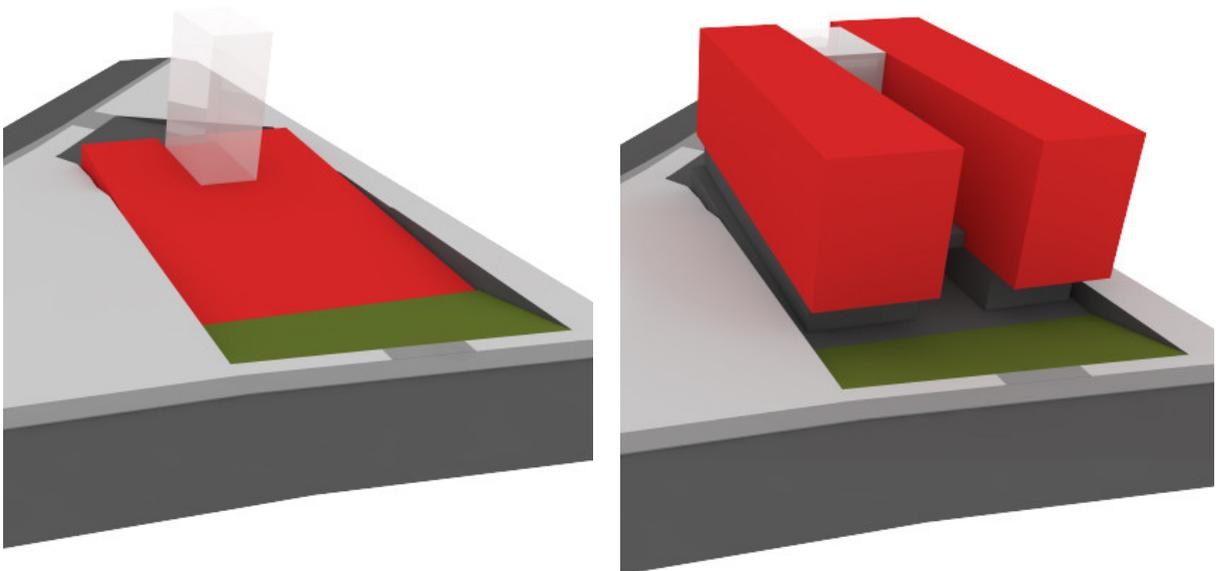


Figura 50 – bloco de circulação vertical e blocos principais
Fonte: Archdaily

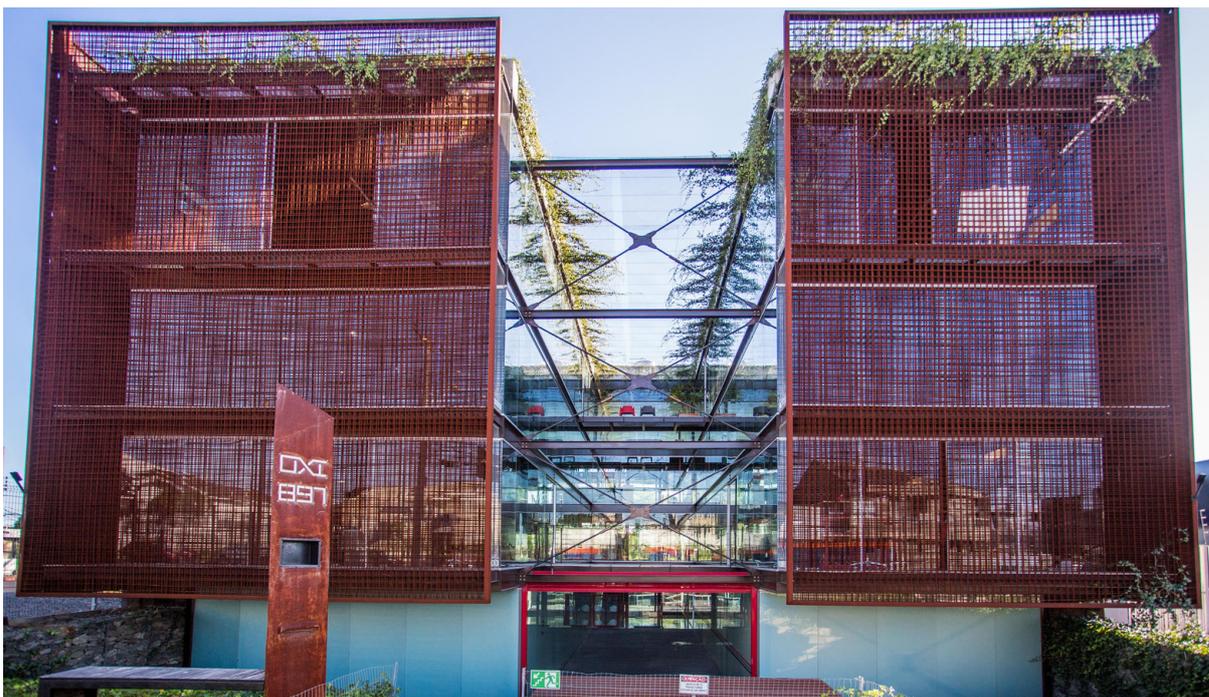


Figura 51 – Fachada principal – o acesso de visitantes, pela Rua Jerônimo Durski, se dá abaixo do nível da rua
Fonte: Archdaily

O conceito arquitetônico do projeto se deu com base no uso predominante do aço, concreto e vidro, de forma a expressar as características das empresas que ali se instalariam. Como visto anteriormente, são todas relacionadas ao ramo da construção civil – um escritório de arquitetura e dois escritórios de cálculo estrutural, um deles especializado em estruturas de concreto e o outro em estruturas metálicas. Sendo assim, revela-se um esqueleto em estrutura metálica, lajes de concreto lapidado e vedações em vidro translúcido e opaco e também em chapas de aço patinável.

É importante destacar que a maneira com que os blocos estão dispostos combinada à vedação em vidro, permite a iluminação natural de todos os ambientes do edifício, bem como garante uma comunicação visual entre as duas ruas de acesso e dinamiza os espaços internos a partir da geração de diferentes perspectivas que o usuário pode ter do entorno, ora bastante arborizado, ora mais urbano.



Figura 52 – Vista superior – Observa-se a relação estabelecida entre os próprios dois blocos, como também entre o projeto e o entorno
Fonte: Archdaily

Para permitir a troca de calor entre os ambientes, foi criada uma espécie de circulação externa nas laterais dos pavimentos com grelhas de piso, as quais favorecem verticalmente a circulação do ar. Para controlar a incidência de luz solar, a fachada principal conta com vergalhões de aço em camadas que ao longo do tempo serão ocupadas por vegetação trepadeira, de forma a funcionar como brises. A vegetação também é um importante componente da cobertura do vão central, pois irá ocupá-la ao longo do tempo, através de cabos de aço que ligam os blocos.

Percebe-se que o conforto térmico do edifício foi projetado baseado em conceitos de sustentabilidade, buscando explorar de forma honesta os elementos naturais. Além disso, evitou-se o uso de materiais contaminantes e a geração de resíduos, bem como buscou-se explorar materiais que ganham personalidade a medida em que envelhecem, reduzindo, assim, o número de manutenções necessárias.

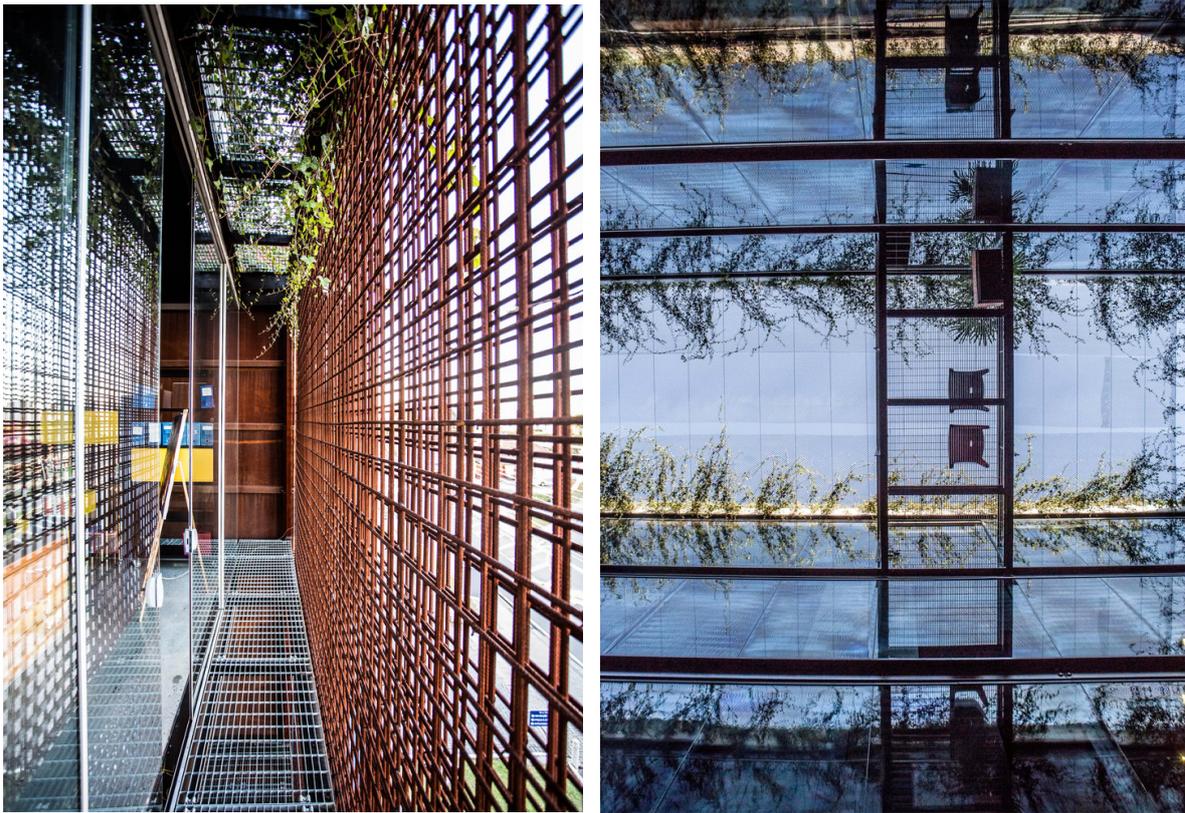


Figura 53 – passarelas laterais - permitem a circulação de ar.

Fonte: Archdaily

Figura 54 – cabos de aço - ligam os dois blocos e sustentam a vegetação trepadeira que irá filtrar a incidência de luz solar.

Fonte: Archdaily

O OXI, que conta com 2.341 m² distribuídos em 4 pavimentos de escritórios e um subsolo para estacionamento, não foi projetado para ser um espaço compartilhado trabalho. Porém, conta com plantas livres e amplas, permitindo a circulação livre de funcionários e facilitando a comunicação entre as diferentes empresas que ocupam o edifício.

O bloco da circulação vertical também abriga áreas de recepção e estar, liberando todo o espaço dos blocos principais para a ocupação dos escritórios. Cada bloco lateral também apresenta uma circulação vertical secundária para atender as demandas internas de cada empresa, porém sem interferir na fluidez do ambiente.



Figura 55 – Subsolo
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora

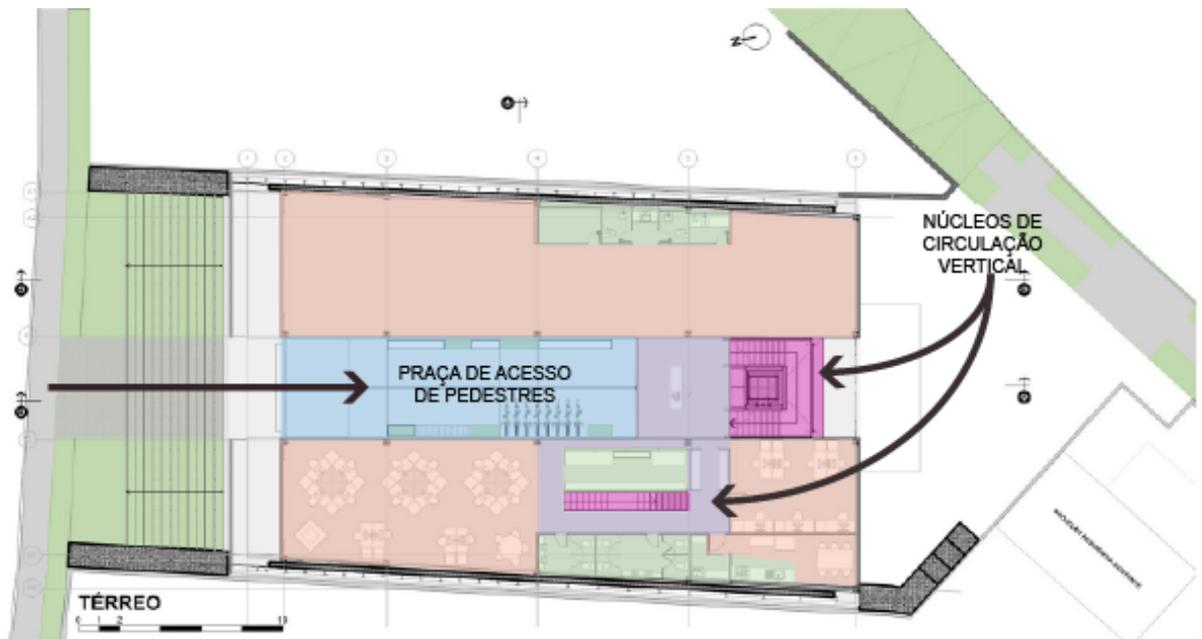


Figura 56 – Térreo
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora

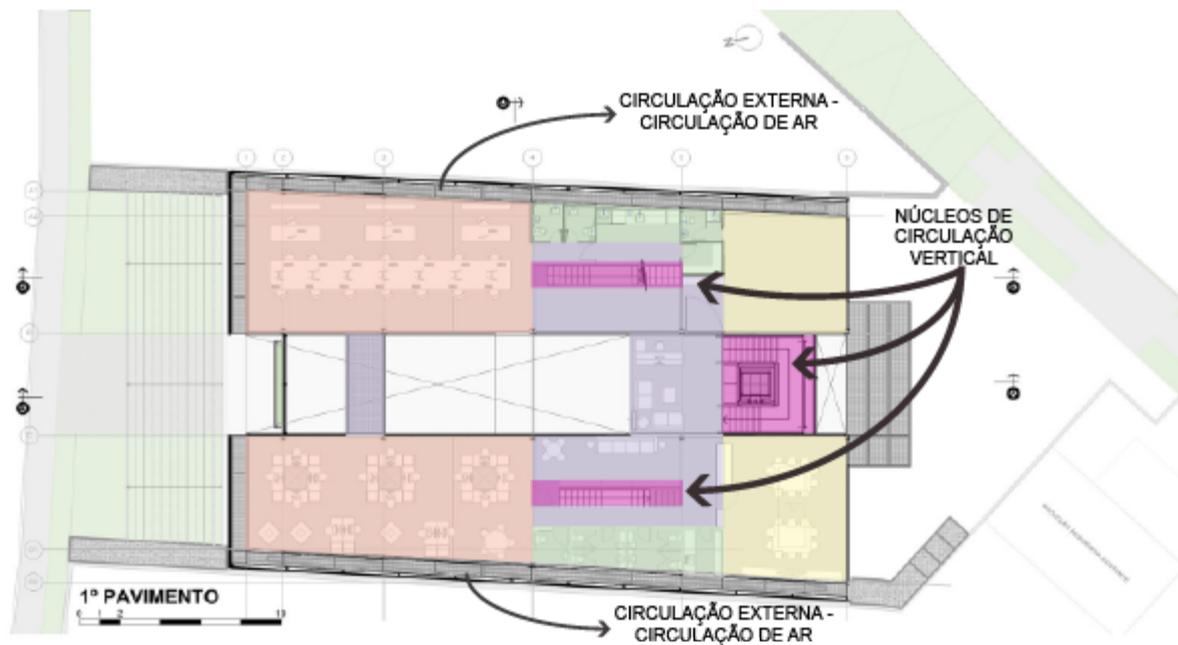


Figura 57 – Primeiro pavimento
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora

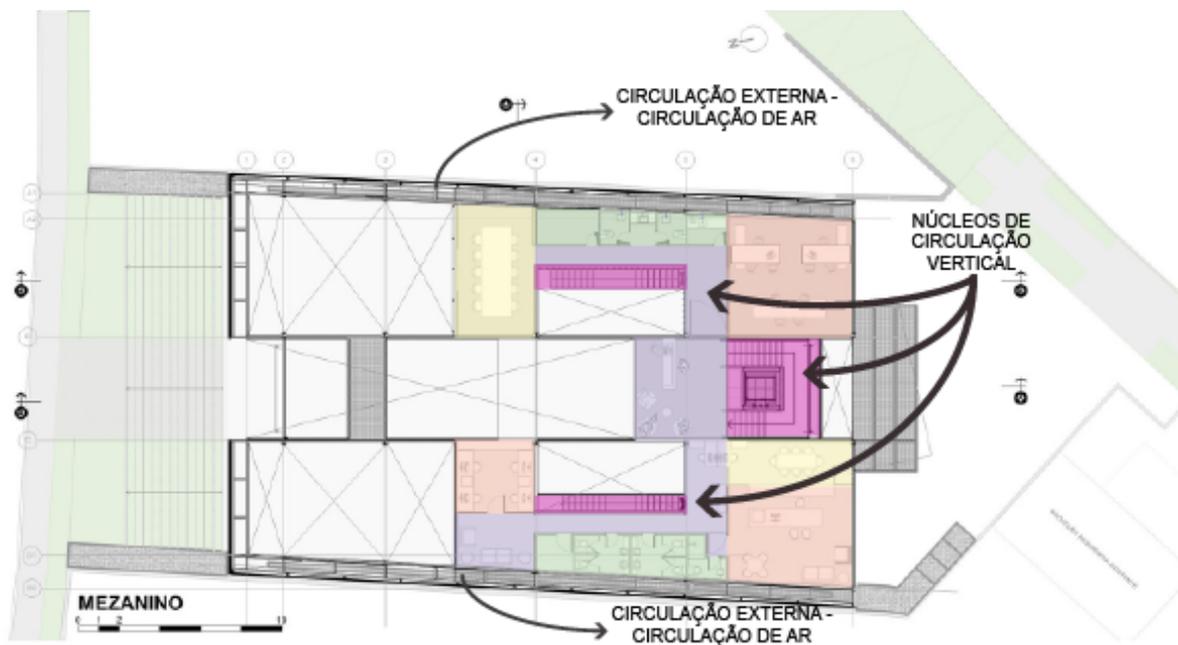


Figura 58 – Mezanino
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora

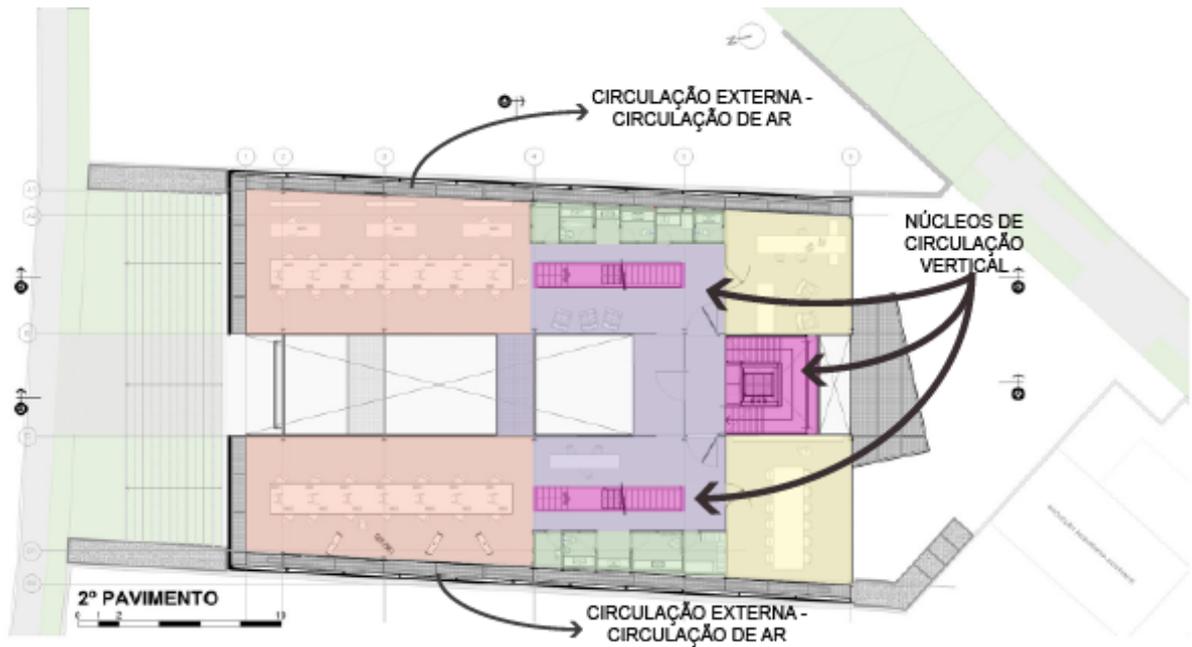


Figura 59 – Segundo pavimento
 Fonte: Archdaily adaptado pela autora

- | | |
|---|--|
| Áreas comuns | Coworking |
| Áreas técnicas | Áreas externas |
| Conferências e workshops | Circulação vertical |

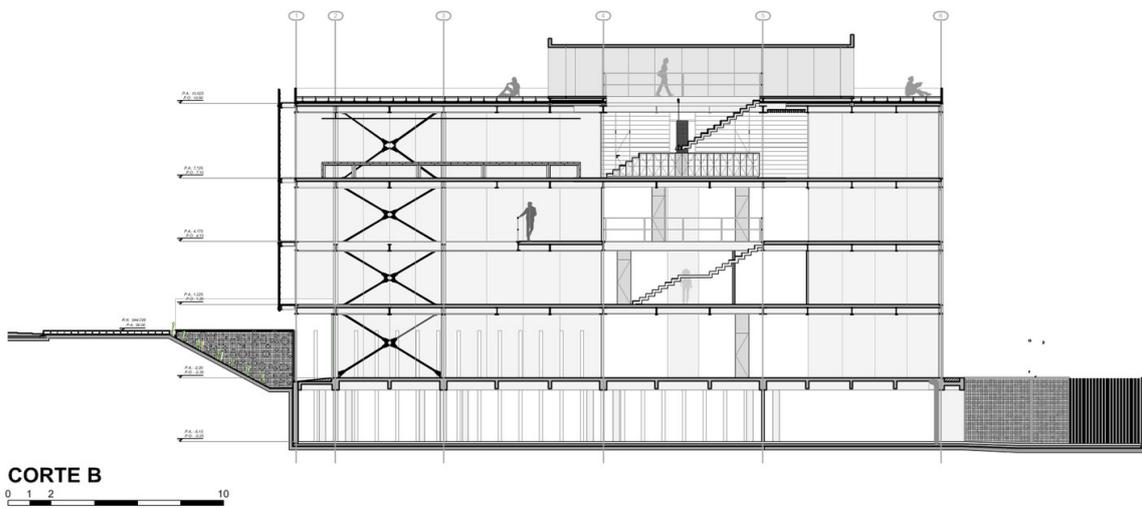


Figura 60 – Corte
 Fonte: Archdaily

Percebe-se que a intenção do design deste edifício é de inspirar a ação projetual, pois todos os detalhes foram pensados de forma a expressar o poder dos materiais usados, cada um com suas peculiaridades. As fachadas de vidro opaco do subsolo, o balanço frontal e as passarelas laterais transmitem a sensação de que os blocos estão flutuando, dando leveza a um edifício tão marcante na paisagem curitibana.

A divisão do programa ao longo de dois blocos principais, unidos pela circulação vertical, poderia ser adotada em um *coworking*, pois possibilita a criação de grandes espaços livres, os quais também podem ser subdivididos a partir de uma certa modulação, de acordo com as necessidades de cada *coworking*. O OXI é, portanto, não só um exemplo da tipologia de edifício de escritórios, como também reflete a evolução do modo de trabalhar que temos observado nos últimos anos.

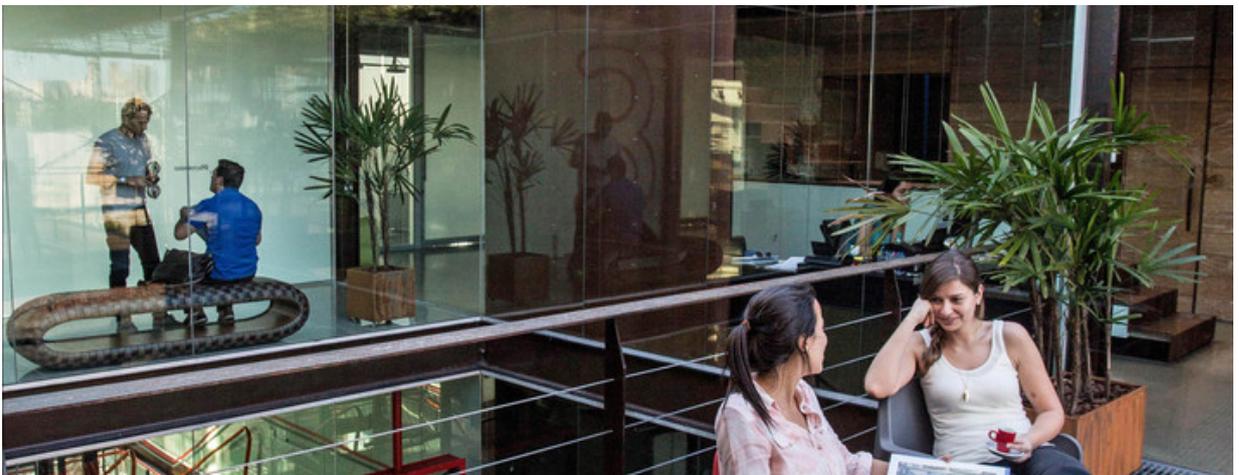


Figura 61 – interior do projeto

Fonte: Archdaily

Figura 62 – áreas de lazer e descanso - permitem a convivência entre os usuários

Fonte: Archdaily

4.5. CONCLUSÃO COMPARATIVA

A seleção de estudos correlatos apresentada neste capítulo nos mostra que a flexibilidade é um dos pontos positivos de um *coworking*. Da mesma forma que se trata de um ambiente de trabalho onde as pessoas podem criar as suas próprias rotinas, o *coworking*, em si, é capaz de se adaptar aos mais diferentes tipos de espaços e construções. Porém se faz importante destacar pontos positivos e negativos de edifícios já existentes, para que a concepção de um novo espaço seja a mais adequada possível.

Coworking	Pontos positivos	Pontos negativos
Second Home	<ul style="list-style-type: none">• Uso de transparências para estabelecer conexões entre as diferentes partes do edifício.• Formas que buscam a otimização do uso do espaço.• Bem setorizado: com espaço de <i>coworking</i> no centro e salas privativas na periferia do edifício.	<ul style="list-style-type: none">• Resultado da reciclagem de um edifício já existente, por isso precisou adaptar-se a estrutura antiga.
Joy City	<ul style="list-style-type: none">• Criação de diferentes pés direitos para gerar diferentes atmosferas. Cada parte do programa demanda um pé direito mais ou menos intimista.	<ul style="list-style-type: none">• Adaptação de um edifício já existente.• Apresenta um grande número de barreiras físicas e visuais, tornando o projeto pouco fluido.

<p>HIT 3</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Projetado desde o início para abrigar um coworking. • Busca a conexão com o entorno do edifício, trazendo a paisagem urbana para dentro dos ambientes. • Utiliza brises para controlar a incidência de luz solar, bem como para promover o conforto térmico. 	<ul style="list-style-type: none"> • A capacidade de promover encontros é limitada através da verticalização do edifício. O projeto não apresenta vazios que poderiam conectar, pelo menos visualmente, os diferentes pavimentos.
<p>OXI</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Espaços amplos e livres de barreiras físicas. • O conceito do edifício busca expressar a filosofia das empresas ali instaladas através do uso de determinados materiais. • A sustentabilidade é um dos partidos deste projeto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não foi projetado para ser um coworking. Porém, vale destacar que a sua configuração espacial representa algumas das mudanças observadas no modo de trabalhar dos últimos tempos. Sendo assim, poderia abrigar um espaço compartilhado de trabalho.

Analisando os pontos positivos e negativos dos projetos apresentados, percebe-se que permitir conexões físicas e visuais incentiva a interação entre os *coworkers*. Dessa forma, plantas que tendem para a horizontalidade são mais vantajosas, pois evitam a segregação do espaço. Além disso, o uso de transparências reforça o ideal de união e comunidade de um coworking. Também é importante destacar que o uso de certos elementos construtivos permite um edifício com gastos energéticos menores.

5. ESTUDO DA REALIDADE

5.1 O CENÁRIO DOS COWORKINGS NO BRASIL

O número de profissionais que buscam a redução de custos e que desistem do modelo tradicional de escritório vêm aumentando a cada ano que passa, como mostra o Censo Coworking Brasil 2016, realizado pelo site coworkingbrasil.org. Hoje, são 378 espaços compartilhados de trabalho ativos no país, significando um crescimento de 52% se comparado ao último estudo feito em 2015.

Em um questionário online, para o mesmo site, 173 dos espaços brasileiros responderam a algumas perguntas que nos ajudam a analisar o perfil dos *coworkings* e seus membros no Brasil. Por exemplo, ao todo, esses 173 *coworkings* possuem 494 salas de reuniões e 840 salas privativas, com 10 mil posições de trabalho.

Percebe-se que, em média, cada espaço abriga 57 *coworkers* e que 53% deles funcionam 24 horas por dia. Além disso, 26% deles aceitam a presença de animais no ambiente de trabalho, são os chamados “*pet-friendly*”. Como forma de incentivar o espírito colaborativo e o senso de comunidade, melhorar o foco e a produtividade dos membros, 92,9% dos espaços organizam eventos.

Com relação ao perfil dos *coworkers* brasileiros, a principal área de atuação dos profissionais que frequentam o espaço é a de consultoria, significando 65% dos membros. Em seguida, vem publicidade e design, com 50% dos usuários; marketing, tecnologia e startups totalizam 45%, advocacia 38%, negócios sociais e vendas 24%, jornalismo e educação 20% e a área jurídica e de artes 13%.

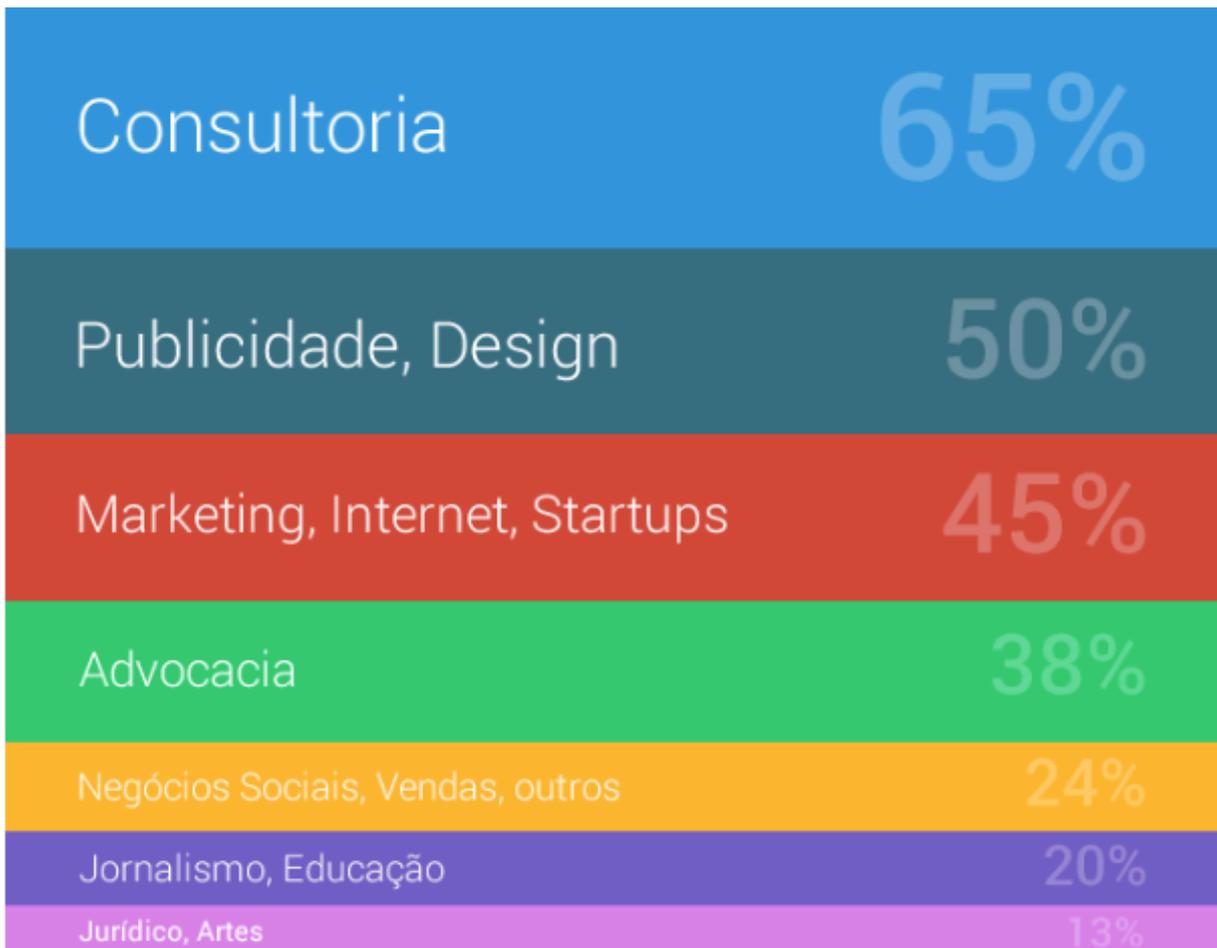


Figura 63 - Principal área de atuação dos *coworkers*
 Fonte: Censo Coworking Brasil 2016

No cenário brasileiro, São Paulo aparece como o estado com o maior número de *coworkings*, totalizando 148 espaços. O Paraná figura na quarta posição com 34, atrás de Minas Gerais, com 37, e Rio de Janeiro, com 35. Com relação às capitais, São Paulo possui 90, o Rio de Janeiro 32, Belo Horizonte 24 e Curitiba 20, o que significa um aumento de 150% em comparação com o último ano na cidade paranaense.



Figura 64 – Cidades com mais *coworkings* – percebe-se um aumento no número de *coworkings* nas cidades com a maior quantidade de espaços no país
 Fonte: Censo Coworking Brasil 2016

Vale destacar que o Google possui uma ferramenta que monitora e analisa as buscas por termos realizadas no site e, em 2012, foi publicado no site deskmag.com o resultado da quantidade de buscas pelo termo “*coworking*”. O Brasil apareceu como o terceiro país onde ela mais se realiza, atrás da Espanha e da Polônia.

Apesar de não ser a cidade com o maior número de espaços compartilhados de trabalho no país, Curitiba apareceu como uma das cidades onde o interesse é maior. Isso se deve, principalmente, pela recente inauguração dos espaços Aldeia Coworking e Nex Coworking na época da divulgação da pesquisa. Hoje em dia, estes continuam sendo grandes referências de *coworkings* na cidade e, por isso, serão abordados no capítulo a seguir.

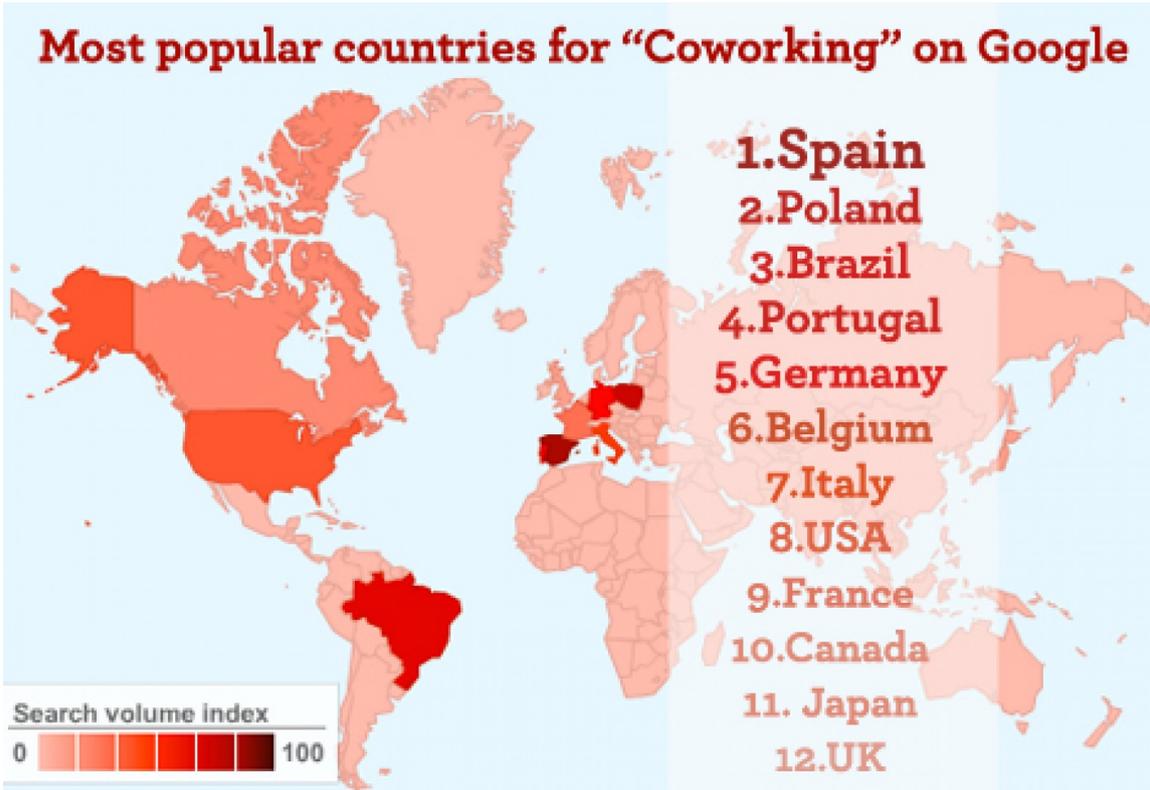


Figura 65 – Buscas na internet - Países onde a busca pelo termo “coworking” é maior
Fonte: DESKMAG



Figura 66 - Buscas na internet - Cidades onde a busca pelo termo “coworking” é maior.
Fonte: DESKMAG

5.2 O CENÁRIO DOS COWORKINGS EM CURITIBA

Em Curitiba, observa-se que, dos coworkings existentes na cidade, 16 estão localizados nos bairros da Regional Matriz. O restante está distribuído nas regionais Pinheirinho, Boa Vista e Santa Felicidade.

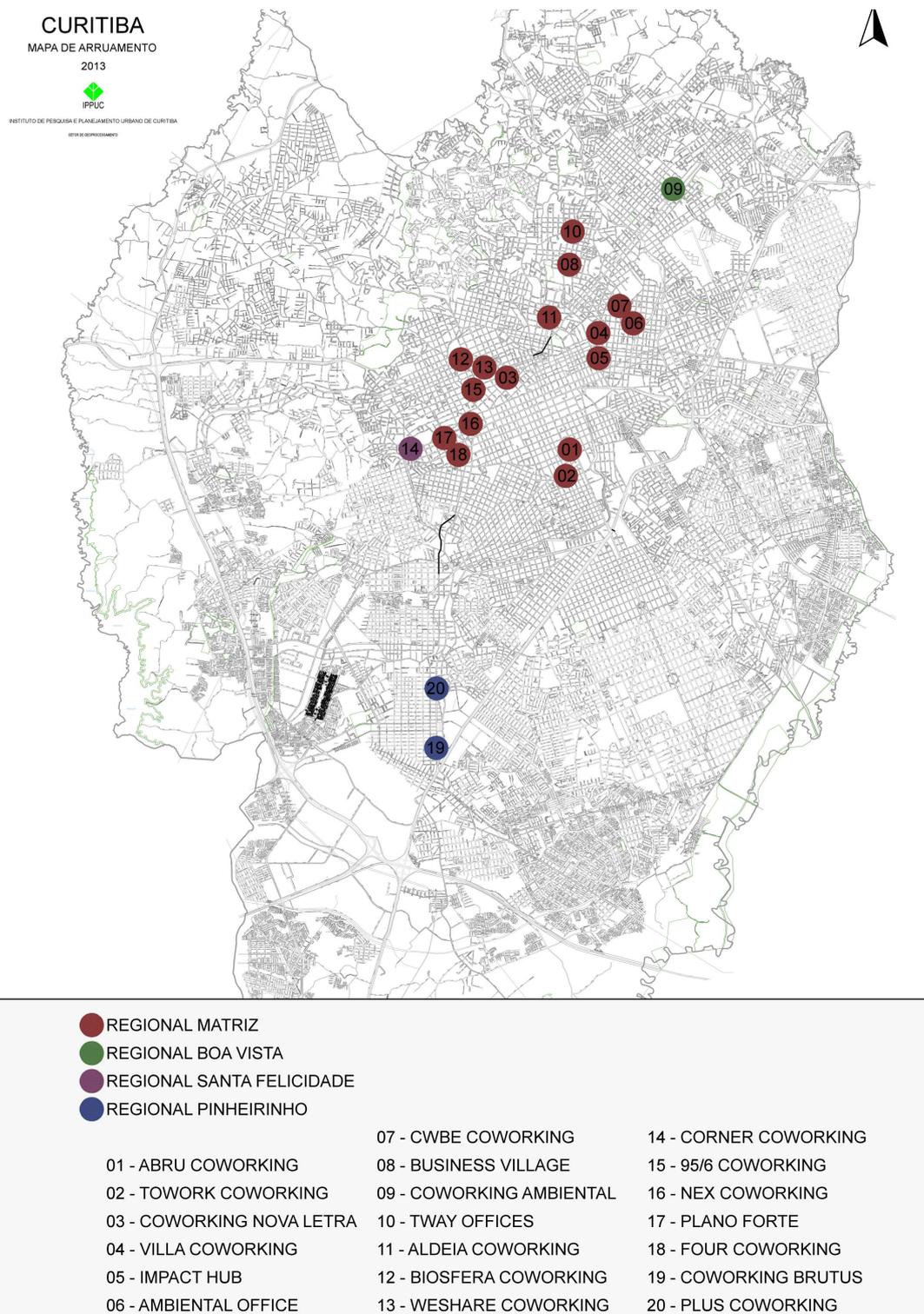


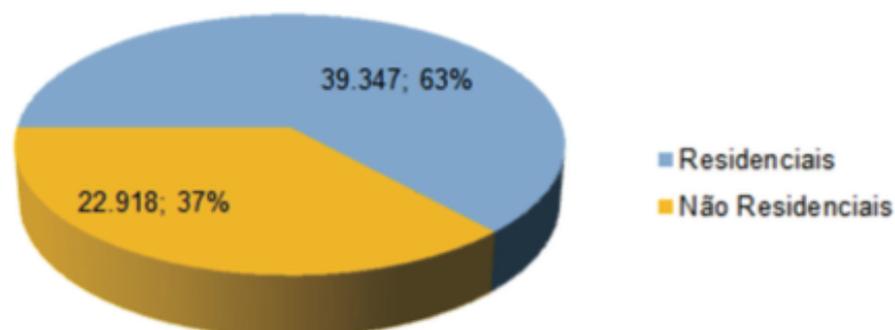
Figura 67 - Mapa dos coworkings de Curitiba
Fonte: IPPUC adaptado pela autora

Essa distribuição pode ser explicada com base em dados coletados pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e expostos no documento “A cidade que queremos – Regional matriz”, de 2014, que demonstram o porquê desta regional possuir um perfil favorável para a instalação de espaços compartilhados de trabalho, tornando-se atrativa para potenciais investidores do ramo.

Conforme o documento, esta é quarta região mais populosa de Curitiba, totalizando 205.722 habitantes, o que representa 11,7% do total da cidade. Destes, percebe-se que a maioria, 53,3%, são representados por adultos, considerados como a população economicamente ativa e, conseqüentemente, público alvo de um espaço compartilhado de trabalho.

A região também apresenta um zoneamento propício para a instalação de estabelecimentos que exercem atividades econômicas, sendo que as zonas predominantes são a ZR-3 e a ZR-4. A ZR-3 é caracterizada por uma média densidade habitacional, onde os usos permitidos são a habitação coletiva de até 3 pavimentos, comércio, serviços e indústria de pequeno porte. Já a ZR-4 é caracterizada por uma média-alta densidade, onde os usos permitidos são os mesmos da ZR-3, com a diferença de que permite-se habitação coletiva de até 6 pavimentos.

PROPORÇÃO ENTRE UNIDADES RESIDENCIAIS E NÃO RESIDENCIAIS LIBERADAS POR ALVARÁ DE CONSTRUÇÃO NA REGIONAL MATRIZ - 2000 A 2013



Fonte: Secretaria Municipal do Urbanismo (Relatório mensal de alvarás) 2014

Elaboração: IPPUC - Monitoração 2014

Figura 69 – Proporção entre unidades residenciais e não residenciais - a região é favorável à instalação de coworkings pois estimula o uso de espaços de trabalho próximos às residenciais dos usuários.

Fonte: A cidade que queremos – Matriz Regional

Por fim, de acordo com o documento “A cidade que queremos”, a Regional Matriz também torna-se favorável para a instalação de coworkings por possuir ampla cobertura de transporte público, fazendo com que os estabelecimentos sejam acessíveis por grande parte da população. Vale destacar que na região existe um Terminal de Rede Integrada de Transportes (Terminal do Cabral), um Terminal de Ligação Metropolitana (Terminal do Guadalupe) e um ponto de concentração de linhas (Praça Rui Barbosa). Observa-se, também, que 99% da população da região reside a menos de 250 metros de uma linha de ônibus.

Esta regional, a qual abrange toda a região central da cidade de Curitiba, torna-se atrativa para a construção de espaços compartilhados de trabalho pois, acima de tudo, possui vitalidade adquirida a partir da combinação de núcleos habitacionais, comerciais e de serviços. Com isso, percebe-se que os valores presentes dentro de um *coworking* (sustentabilidade, acessibilidade, comunidade, abertura, colaboração) também podem ser aplicados ao contexto urbano em que se inserem na medida em que propiciam a criação de núcleos compactos formados por moradia, trabalho e lazer.

Vale destacar que, apesar da quantidade de *coworkings* em Curitiba, cada um possui as suas peculiaridades, que vão desde um nicho específico de atuação à diferentes metodologias aplicadas na criação do senso de comunidade.

5.2.1 NEX COWORKING

Fundado em 2011, o Nex Coworking funcionou por 3 anos em um edifício no Centro de Curitiba. Porém, com o aumento da procura por espaços compartilhados de trabalho, foi necessária uma mudança de endereço. Inicialmente, segundo André Pegorer, sócio do Nex em entrevista à Gazeta do Povo, pensava-se em uma nova sede de 900 m². Mas um antigo casarão com interesse de preservação, de 1.700 m², na Rua Francisco Rocha, n 198, no Batel, chamou a atenção dos empreendedores devido à sua história, charme e localização.



Figura 70 - Localização do Nex Coworking
Fonte: Google maps adaptado pela autora

Depois de muitos anos de decadência e abandono, este casarão de 1905, sede da antiga Sociedade dos Operários do Batel, passou por uma revitalização realizada pelo arquiteto Marco Aurélio Ruaro e, depois, com um investimento de 2,5 milhões de reais, foi reciclado pelo escritório IS Arquitetura para receber o programa do *coworking*.



Figura 71 - Fachada revitalizada da antiga Sociedade dos Operários do Batel, transformada no Nex.

Fonte: Coworking Brasil

Tendo como referência a sede da Samsung no Vale do Silício, na Califórnia, o projeto busca a criação de um ambiente acolhedor e propício para a conexão entre seus membros. Portanto, buscou-se preservar toda a estrutura já existente do imóvel, sem a necessidade da construção de paredes de alvenaria. Sendo assim, todas as divisões internas são feitas em vidro, favorecendo a comunicação visual, mas ao mesmo tempo provendo conforto acústico e privacidade.



Figura 72 – Interior do Nex - comunicação visual entre todos os ambientes.
Fonte: Coworking Brasil



Figura 73 – Lounge de convivência
Fonte: Nex Coworking

Com a capacidade de acolher 235 profissionais, o Nex conta com 74 posições de trabalho em área compartilhada, ocupando todo o coração do edifício e visível por todos que ali circulam. Ao redor, distribuem-se 41 estúdios privativos que acomodam de 02 a 10 pessoas, 06 salas de reunião, sala de *coaching*, cabines telefônicas e um salão de eventos para 60 pessoas. Além disso, o espaço conta com 02 cozinhas (uma em cada pavimento), espaços de convivência como um *lounge* e um *deck*, biblioteca, e um café aberto ao público, localizado logo na entrada do edifício.

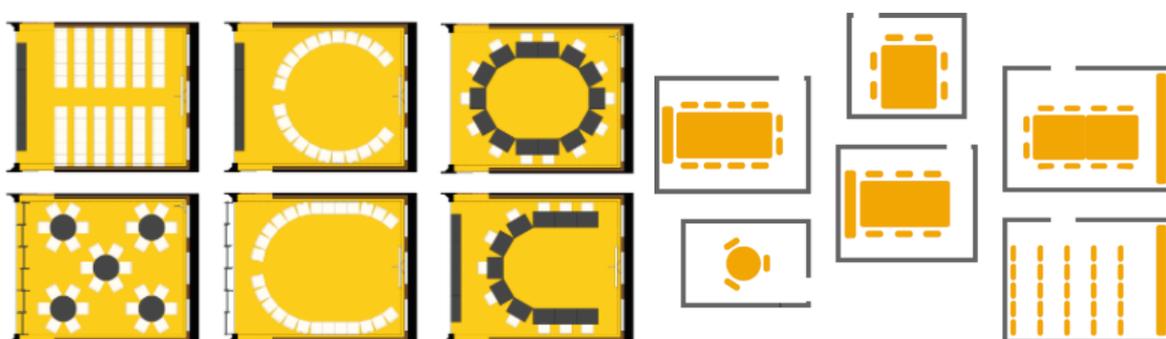


Figura 74 - Configuração dos espaços de trabalho
Fonte: Nex Coworking

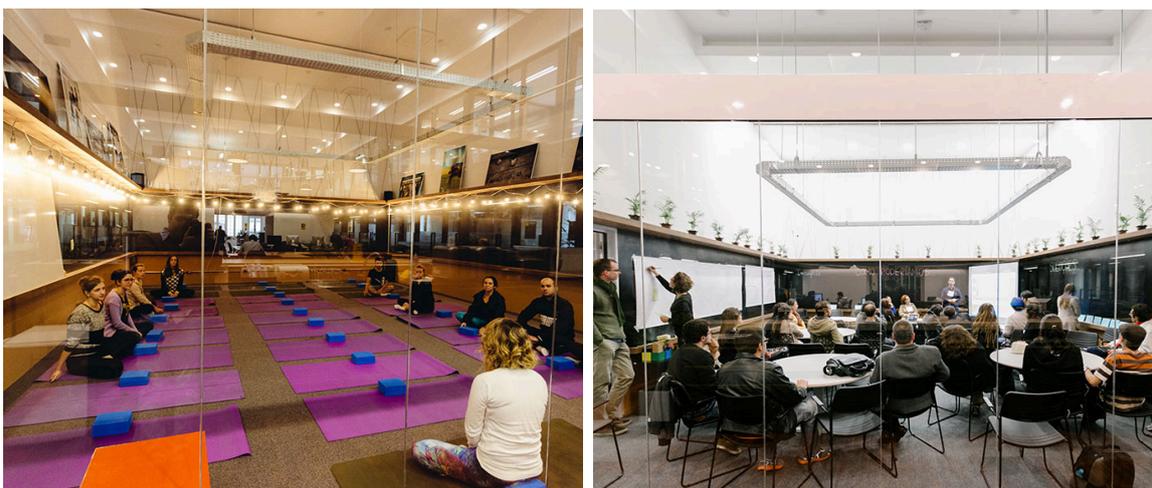


Figura 75 - Flexibilidade do salão de eventos
Fonte: Nex Coworking

5.2.2 ALDEIA COWORKING

Considerado o primeiro espaço compartilhado de trabalho do sul do Brasil, a Aldeia Coworking foi fundada em 2010, ocupando um pavimento inteiro de um edifício na Avenida Marechal Deodoro em Curitiba. Cinco anos mais tarde, com a expansão do conceito de *coworking*, mudou-se para um edifício com características industriais na Avenida Cândido de Abreu, n 381, no Centro Cívico.

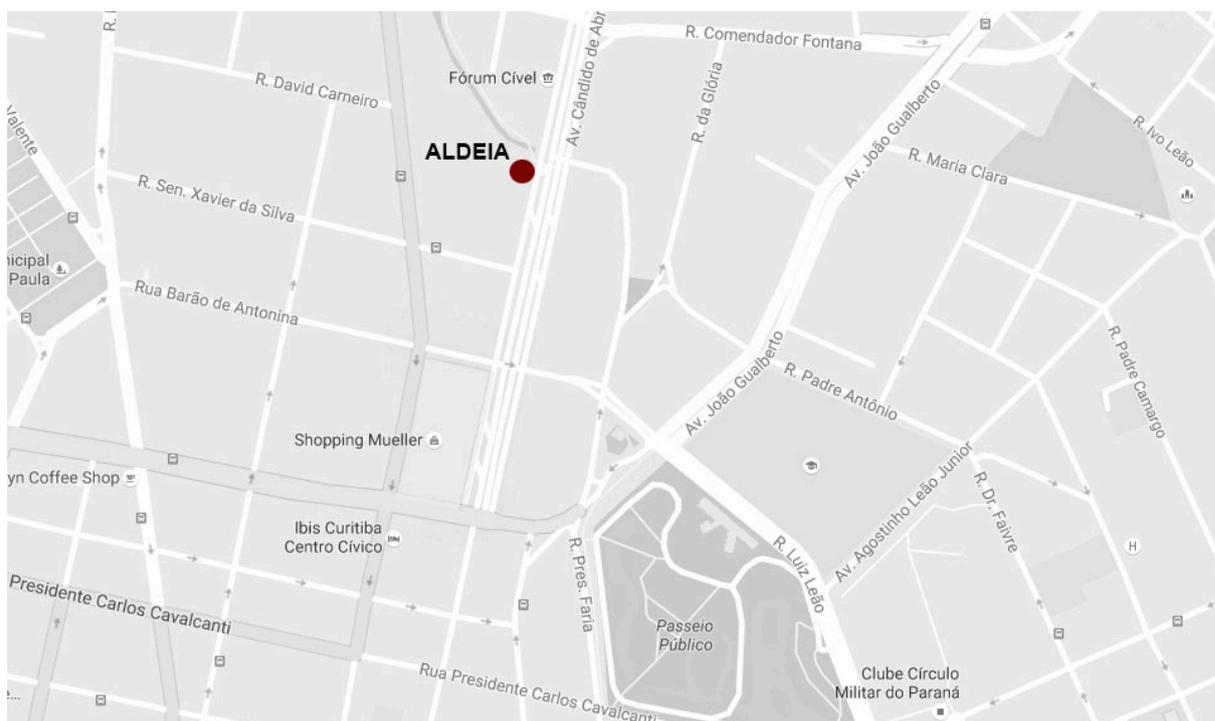


Figura 76 - Localização do Aldeia Coworking, no Centro Cívico
Fonte: Google maps adaptado pela autora

Com capacidade para receber cerca de 150 pessoas, o espaço de 750 m² divididos em dois pavimentos possui ampla área para *coworking*, salas de reunião, recepção, cozinha, espaços para eventos e palestras e um laboratório de fabricação digital, o qual conta com equipamento de impressão 3D que podem ser usados por arquitetos, designers e engenheiros.

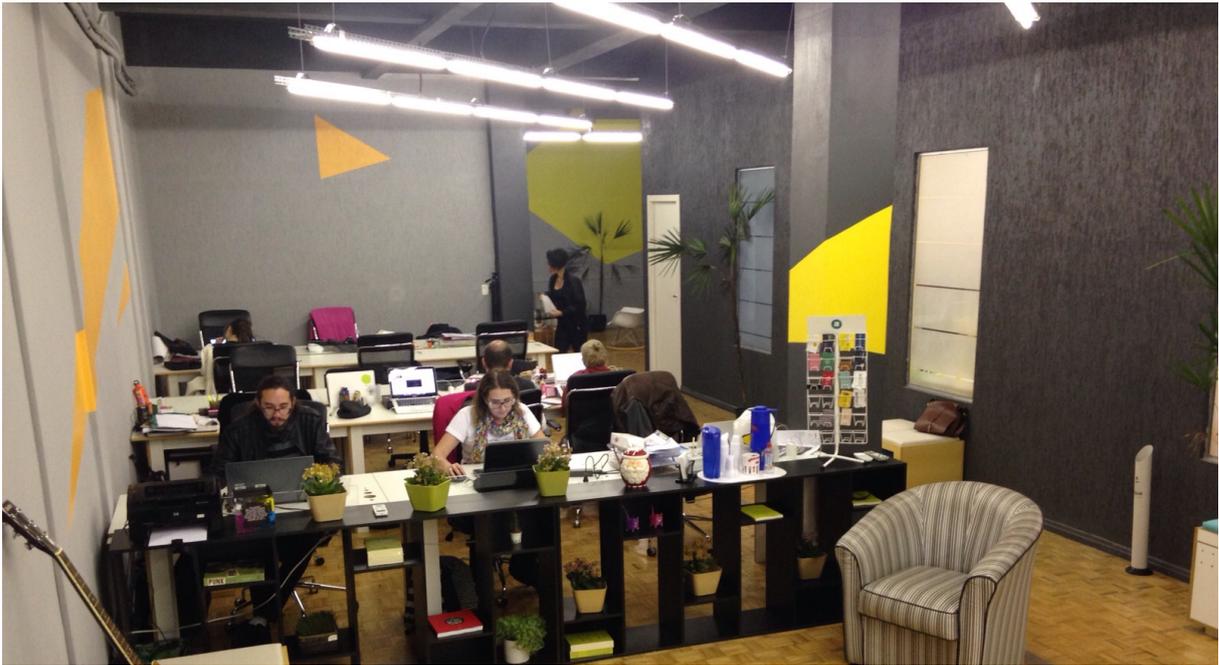


Figura 77 - Espaço compartilhado de trabalho
Fonte: Aldeia Coworking

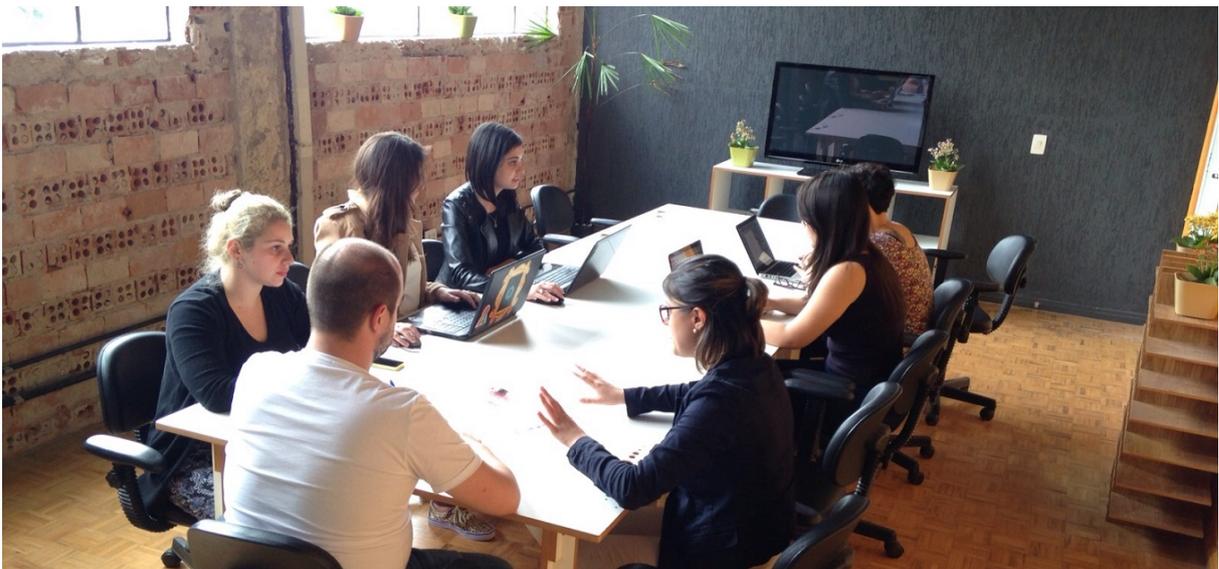


Figura 78 - Sala de reunião da Aldeia
Fonte: Aldeia Coworking

Segundos os idealizadores do *coworking*, buscava-se um espaço que transmitisse a sensação de unidade, igualdade e comunidade, mas ao mesmo tempo evitando a monotonia que esses conceitos poderiam implicar em um ambiente. Portanto, através do trabalho colaborativo entre profissionais de arquitetura e design, utilizou-se um sistema de construção *open-source*, no qual o

projeto de um modelo simples de estúdio privativo (chamado de *wikihouse*) é baixado da internet, construído em MDF e que, futuramente, pode sofrer mudanças feitas pelos usuários.



Figura 79 - *Wikihouse* no Aldeia Coworking
Fonte: Blog Parametricismo



Figura 80 - Área de convivência
Fonte: Aldeia Coworking

5.2.3 PLANO FORTE COWORKING

Voltado especificamente para profissionais da arquitetura e construção civil, o *coworking* Plano Forte é o primeiro espaço deste gênero na cidade de Curitiba. Inaugurado em 2016 e localizado na Rua Belo Horizonte, n 56, no bairro Batel, o espaço possui 230 m², os quais comportam 27 estações de trabalho, 02 salas de reunião, 05 salas individuais e um espaço com cozinha para eventos.



Figura 81 - Localização do coworking Plano Forte, no bairro Batel
Fonte: Google maps adaptado pela autora

Oferecendo serviços de plotagem e de assessoria jurídica para formulação de contratos, o espaço também oferece uma sala específica para exposição de materiais de construção e decoração para auxiliar na relação dos arquitetos com clientes. Vale destacar que o objetivo da criação deste tipo de coworking vai além da oferta de um espaço adaptado para as necessidades dos arquitetos. Busca-se o espírito de colaboração, onde todos possam criar conexões, facilitando na execução de tarefas, solução de problemas e criação de projetos cada vez melhores e mais qualificados.

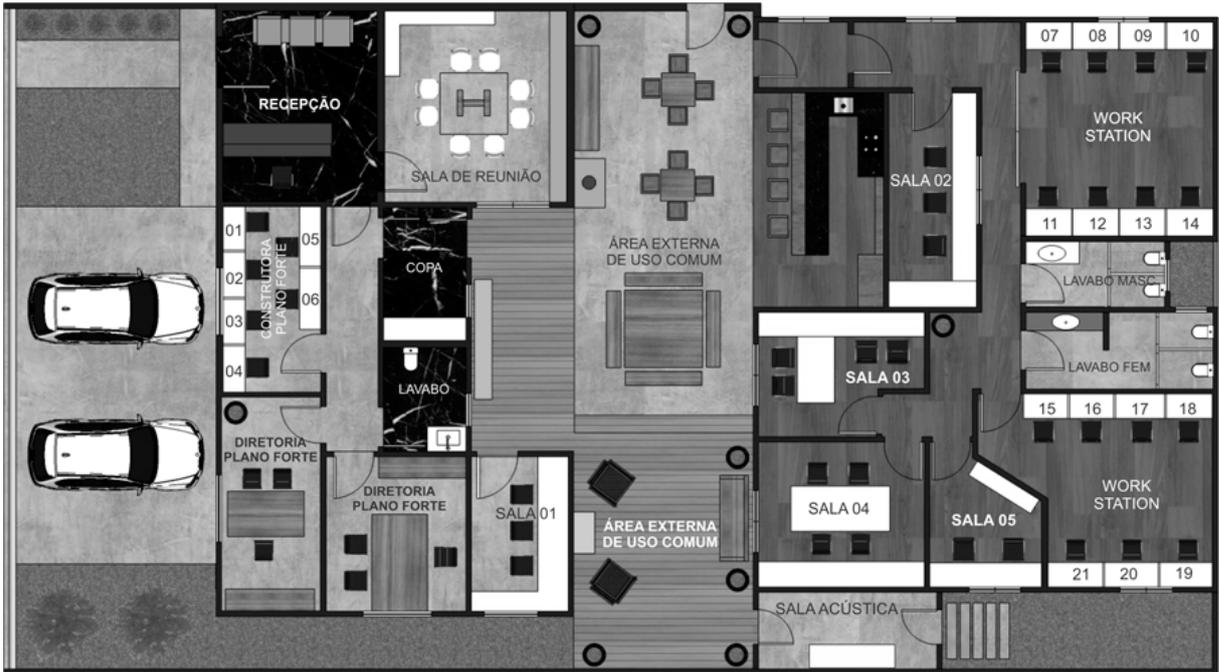


Figura 82 - Distribuição dos ambientes no coworking
 Fonte: Plano Forte



Figura 83 - Sala de trabalho compartilhado
 Fonte: Plano Forte

6. DIRETRIZES DE PROJETO

Os fundamentos teóricos abordados nos primeiros capítulos desta pesquisa, bem como a análise de estudos de caso e da realidade curitibana de *coworkings*, nos permite estabelecer diretrizes projetuais que serão importantes para a realização da próxima fase deste Trabalho Final de Graduação. Para desenvolver o projeto de um *coworking* para arquitetos e designers na cidade de Curitiba, o presente capítulo não só abrange a delimitação de diretrizes e de um pré-programa, como também envolve a escolha de um terreno apropriado para tal.

6.1 O TERRENO ESCOLHIDO

Segundo Rogers (2012), núcleos compactos e de uso misto reduzem as necessidades de deslocamentos e criam bairros sustentáveis e cheios de vitalidade. Dessa forma, recolocam a cidade como o habitat ideal para uma sociedade baseada na comunidade, um dos valores mais importantes em um *coworking*.

O bairro Batel é um exemplo de região onde esta vitalidade tem crescido nos últimos tempos. Com opções gastronômicas, culturais e de compras, o bairro se consolidou como um polo de serviços na cidade. (Schonarth, 2013).

Além disso, em 2007, empresários de vários setores resolveram criar a Associação dos Comerciantes da Região da Praça Espanha (Ascores) e o projeto Batel Soho, um circuito de compras, gastronomia e lazer que se estende por cerca de 20 quadras em torno da Praça da Espanha. Hoje, o Batel Soho representa uma grande área de influência, que extrapola os limites do bairro Batel, com identidade e vida diurna e noturna fortes. Vale destacar que a região virou modelo para outras áreas da cidade também se consolidarem como novos polos de serviços.

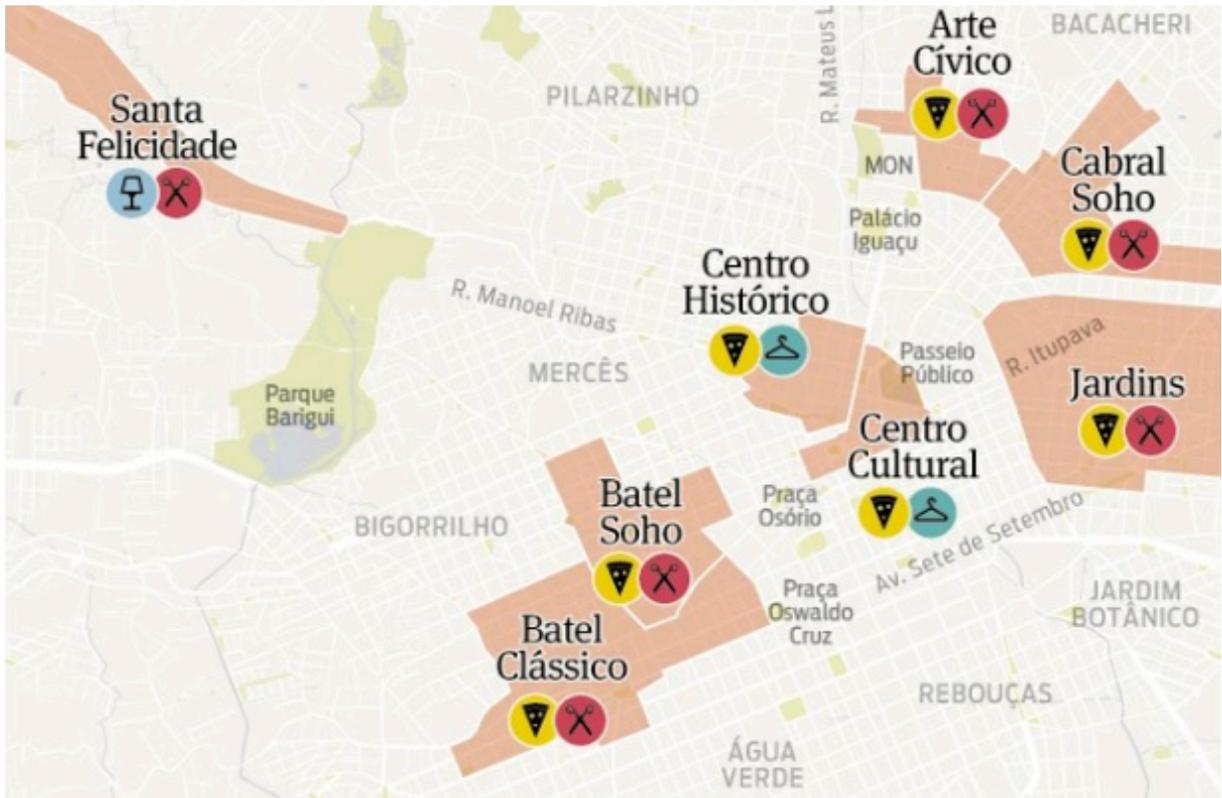


Figura 84 – Núcleos de serviços em Curitiba - O Batel Soho é o mais antigo e consolidado polo de serviços na cidade, servindo de exemplo para outras regiões também se desenvolverem.
 Fonte: Gazeta do Povo



Figura 85 – Legenda
 Fonte: Gazeta do Povo

Segundo o documento “Nosso Bairro/ Batel” elaborado pelo IPPUC em 2013, o Batel possui uma densidade de 62,60 habitantes por hectare, representando um total de 10.878 moradores distribuídos em 174 hectares. De acordo com este mesmo documento, 61,2% dos estabelecimentos que exercem algum tipo de

Em um raio de até 1km, encontram-se praças (a Praça da Espanha, por exemplo), hospitais, supermercados escolas e mais um shopping.

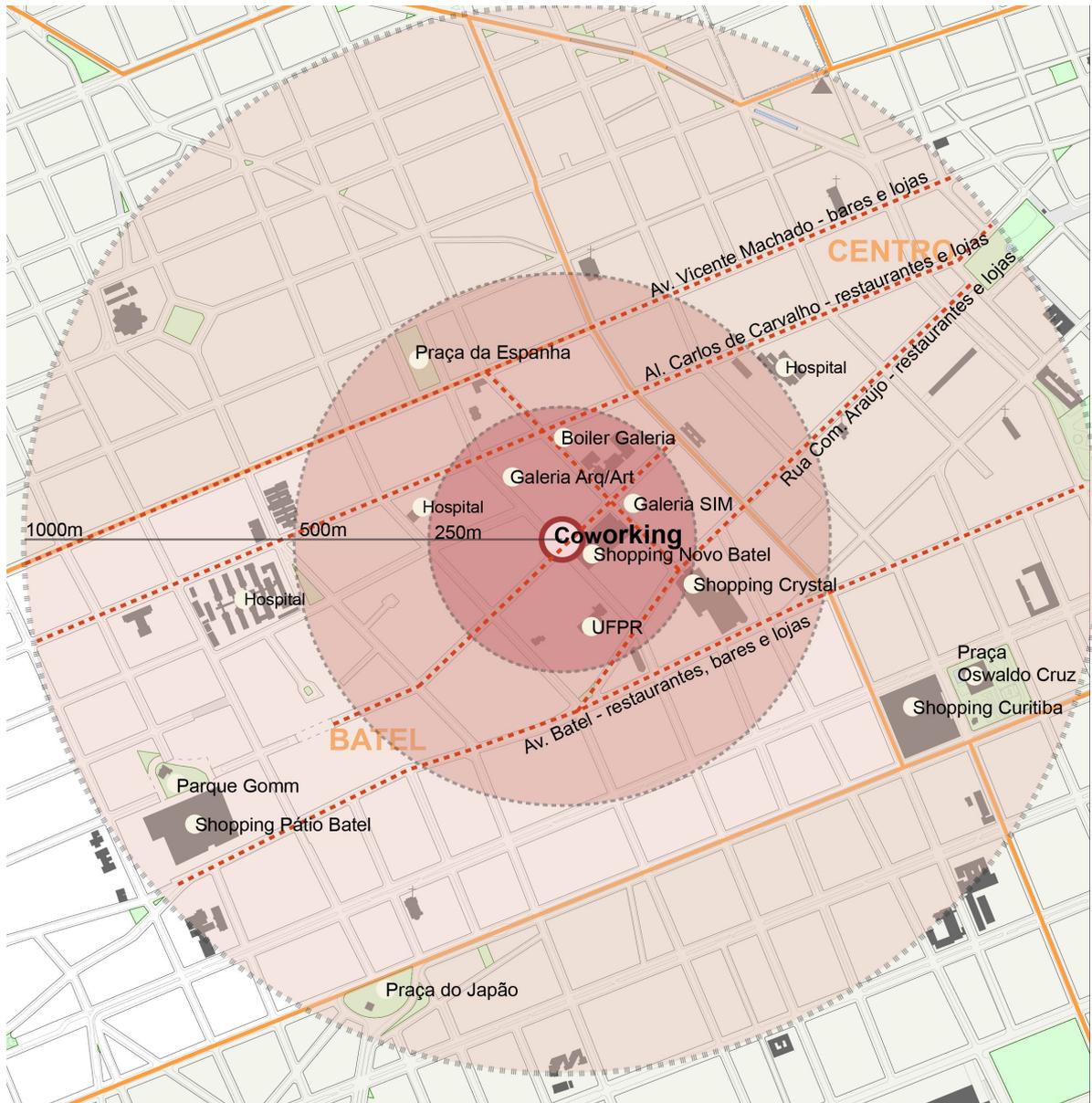


Figura 87 – Ponto de interesse - Proximidade do terreno com pontos de interesse da região
Fonte: Curitiba em dados adaptado pela autora

Ocupando três lotes, o terreno de aproximadamente 1.850 m² possui testada de 43 metros para ambas as vias (de caráter normal) e está localizado em uma Zona Residencial 4 – ZR-4. Dessa forma, permite-se o uso para comércio e serviço vicinal e de bairro, respeitando os seguintes parâmetros construtivos, presentes nas guias amarelas dos lotes:

- Coeficiente de aproveitamento: 2,0
- Taxa de ocupação: 50%
- Taxa de permeabilidade: 25%
- Altura máxima permitida: 02 pavimentos
- Recuo frontal: 5,0 metros
- Afastamento das divisas: facultado até dois pavimentos



Figura 88 - Terreno
Fonte: Google Earth adaptado pela autora



Figura 89 - Vista 01 - do terreno para as esquinas opostas
Fonte: A autora



Figura 90 - Vista 02 – da esquina oposta ao terreno
Fonte: A autora



Figura 91 - Vista 03 – testada para a Alameda Dom Pedro II
Fonte: A autora



Figura 92 - Vista 04 – testada para a Rua Coronel Dulcídio
Fonte: A autora

Com os parâmetros construtivos dados e, respeitando a legislação vigente em Curitiba, permite-se a construção de um *coworking* de 2.312,50 m² de área computável, ou seja, da mesma escala dos estudos de caso analisados no capítulo 4. Isso porque, segundo decretos complementares à legislação, para edifícios em que a altura máxima permitida é de 02 pavimentos, também é permitida a construção de um mezanino, desde que este não ultrapasse 50% da área do pavimento em que está inserido. Dessa forma, pode-se construir 02 pavimentos de 925 m² cada e um mezanino de 462,50 m². Vale destacar que pavimentos no subsolo destinados a estacionamento não são computáveis, assim como as áreas destinadas a circulação vertical do edifício.

6.2 DIRETRIZES PROJETUAIS

A análise das condicionantes do terreno escolhido, combinada à fundamentação teórica vista nos capítulos anteriores desta pesquisa, nos permite

estabelecer diretrizes projetuais que levem à criação de um espaço apropriado para o funcionamento de um *coworking* para arquitetos e designers, através de um projeto específico para esta tipologia de edifício e para as necessidades de cada profissional. Como visto nos capítulos anteriores, tal tipologia ainda é muito recente, sendo que a maioria dos exemplares encontrados são resultado de adaptações e reciclagens de edifícios já existentes. Portanto, busca-se aqui um projeto com liberdade de concepção espacial, onde a arquitetura reflita os valores de um *coworking* e seja capaz de influenciar e estimular o comportamento de seus usuários.

As diretrizes que irão guiar a segunda fase deste Trabalho Final de Graduação serão determinadas com base em alguns aspectos, divididos em 04 grupos: condicionantes do terreno em relação ao seu entorno, condicionantes naturais e sustentabilidade, relações interpessoais e, por último, fluidez espacial.

Posicionado em uma esquina do Batel, o terreno permite a elaboração de um projeto que tenha destaque e visibilidade com relação ao seu entorno. Além disso, como visto anteriormente, um dos valores principais em um *coworking* é a acessibilidade, a qual, neste contexto, significa ser permeável e convidativo. Os parâmetros construtivos presentes na guia amarela já determinam o gabarito do edifício a ser construído, mas busca-se respeitar as construções existentes ao redor, contribuindo para a criação de uma paisagem urbana harmoniosa.

De forma a aumentar a eficiência energética do edifício, busca-se uma implantação que aproveite a insolação, diminuindo a necessidade de iluminação artificial. Além disso, serão trabalhadas formas naturais de circulação e ventilação do ar, permitindo o conforto térmico em todas as épocas do ano. Vale destacar que, influenciado pelo espírito colaborativo, o projeto busca contribuir para a criação de uma cidade mais justa e sustentável, ou seja, irá estimular o uso de sistemas intermodais de transporte por parte de seus usuários.

Tratando-se das relações interpessoais criadas dentro de um espaço, sabe-se que a arquitetura exerce um papel importante no estímulo de determinados comportamentos. Em um espaço compartilhado de trabalho, tais estímulos se evidenciam, principalmente por serem capazes de estabelecer diferentes níveis de privacidade. Portanto, no projeto do *coworking*, serão criados espaços que

estimulem o espírito colaborativo mas que, ao mesmo tempo, respeitem as necessidades de cada profissional por ambientes mais reclusos, protegidos e específicos. Além disso, sabe-se que eventos, como workshops e palestras, são um dos principais motivadores da criação de conexões, portanto serão criados espaços favoráveis para esses tipos de atividades.

Por fim, como forma de traduzir os valores de um *coworking* na concepção espacial de tal, acredita-se que um espaço livre de barreiras seja uma resposta ao espírito colaborativo e de comunidade. A fluidez espacial deve estar presente tanto no plano horizontal, como no vertical, entre espaços internos e externos, permitindo que todos os ambientes do projeto possam estabelecer conexões, ora físicas, ora visuais. Ou seja, de modo geral, busca-se um projeto com senso de unidade, permeável e que siga ideais de sustentabilidade.

6.3 PRÉ PROGRAMA

Segundo Meel, Martens e Ree (2012), em um edifício de escritórios, um terço do espaço deve ser destinado à ambientes coletivos, um terço à ambientes privativos e um terço à áreas comuns. A fim de atender profissionais de arquitetura e design, o programa do *coworking* será dividido, de modo estimado, da seguinte maneira:

Áreas Computáveis – 2312 m²

Espaço coletivo – 770 m²

Coworking para 90 profissionais = 590 m² (prezando pela qualidade da circulação, já que em um *coworking* ela é um dos espaços de encontro e de criação de conexões)

Oficina de costura = 80 m² (sala de máquinas, com provador, manequins, araras, mesas para trabalho com moldes, depósito)

Oficina de prototipagem = 40 m² (equipamentos para confecção de protótipos, como cortadoras a laser e impressoras 3D, depósito)

Oficina de maquetes = 40 m² (mesas e equipamentos para montagem de maquetes e protótipos, depósito)

Oficina de impressão = 20 m² (máquinas de impressão 2D e de alta qualidade, como *plotters*)

Ambientes privativos – 790 m²

Auditório flexível = 150 m²

Salas de reuniões = 10 x 20 m² = 200 m²

Estúdios privativos de 5 pessoas = 12 x 12 m² = 144 m²

Estúdios privativos de 10 pessoas = 6 x 24 m² = 144 m²

Estúdios privativos de 15 pessoas = 4 x 36 m² = 144 m²

Cabines telefônicas = 4 x 2 m² = 8 m²

Áreas comuns – 752 m²

Recepção/ Administração = 50 m²

Café/ Restaurante = 150 m²

Loja e galeria = 100 m²

Áreas de descanso/ ócio criativo = 190 m² (distribuídos pelo edifício)

Área de lazer com cozinha coletiva = 150 m²

Banheiros e vestiários = 2 núcleos de 50 m² = 100 m²

Copa de apoio = 2 núcleos de 6 m² = 12 m²

Áreas não computáveis – 584 m²

Estacionamento no subsolo = 20 vagas x 28 m² (com circulação) = 560 m²
(segundo a Portaria 80/ 2013 de Curitiba, em um edifício para escritórios, deve haver uma vaga para cada 120 m² de área construída.)

Circulação vertical = 02 núcleos de 12 m² = 24 m²

Total – 2.896,00 m



Figura 93 – Organograma
FONTE: A autora

7. CONCLUSÃO

De acordo com Sassen (2001), “o espaço digital está embutido nas estruturas mais amplas, sociais, culturais, subjetivas, econômicas e imaginárias da experiência vivida e nos sistemas dentro dos quais existimos e operamos”. No contexto de rápida evolução tecnológica do qual fazemos parte, a arquitetura, mais do que nunca, cumpre o seu papel de expressar a cultura social e intelectual de sua contemporaneidade. Ou seja, em um mundo onde o modo de trabalho muda e evolui junto com as descobertas digitais, a arquitetura vem de forma a abrigar novos ideais e novos modelos de produção e consumo. Os espaços compartilhados de trabalho são um exemplo das mudanças ocorridas na última década e da importância da geração de espaços que as abriguem adequadamente.

A conectividade, tanto digital quanto física, é uma das principais características de um *coworking*, o qual possui valores que funcionam no plano real e no plano filosófico. Sendo assim, é necessário ressaltar tudo aquilo que promove encontros e conexões dentro de um edifício, respeitando, claro, as necessidades de cada usuário. O trabalho da combinação de vazios, materiais translúcidos, plantas livres e amplas pode resultar em um espaço que promova a interatividade, respeitando a privacidade de cada um.

Além disso, como a arquitetura não é um meio isolado, sabe-se que um edifício não deve terminar nos seus limites físicos. A arquitetura de boa qualidade tem um compromisso com a vizinhança, respeitando o seu entorno e, também, incentivando mudanças positivas no modo com que nos relacionamos com o meio urbano. Dessa forma, todos os valores intrínsecos a um *coworking*, de abertura, acessibilidade, sustentabilidade, colaboração e comunidade, se expandem e ultrapassam o meio construído.

Curitiba, neste contexto, vem se mostrando uma cidade aberta à esta nova forma de trabalhar, porém ainda não apresenta edifícios projetados especificamente para o programa de um *coworking*. Dessa forma, se beneficiando de uma região que tem se tornando ponto de encontro entre a população – culturalmente ativa e com grande oferta de serviços – o futuro projeto de um espaço compartilhado de trabalho para arquitetos e designers busca expressar, através de sua arquitetura,

que os valores de um *coworking* estão intimamente ligados aos traços da problemática urbana da capital paranaense.

Por fim, através deste trabalho de pesquisa e dos anos de aprendizado na Faculdade de Arquitetura, conclui-se que devemos estar atentos às mudanças que ocorrem dia a dia ao nosso redor para, assim, sermos sábios ao identificar novas, e mais prósperas, formas de nos relacionarmos com o espaço, contribuindo sempre para a sua evolução.

8. REFERÊNCIAS WEB E BIBLIOGRÁFICAS

BACEVICE, Peter. BUROW, Liz. TRIEBNER, Mat. **7 factors of great office design. Mai/ 2016.** In: Harvard Business Review. Disponível em: < <https://hbr.org/2016/05/7-factors-of-great-office-design> > Acesso em 18 de out. de 2016.

BROEK, Whiliam. **A Typology of needs for coworking spaces.** (2012). Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/a-typology-framework-of-needs-for-coworking-spaces-586> > Acesso em 26 de ago. de 2016.

BUDD; Christopher. **The Office: 1950 to the Present.** Nova Iorque: Workspere, 2001.

CAGNOL, Rémy. **A brief history of the office.** (2013). Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/a-brief-history-of-the-workspace-coworking-Chicago-Architecture/3> > Acesso em 23 de ago. de 2016.

CAGNOL, Rémy. FOERTSCH, Carsten. **The history of coworking in a timeline.** (2013). Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline> > Acesso em 24 de ago. de 2016.

CASHMAN, Anna. **The nature and potencial of the collaborative economy.** (2012). Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/the-nature-and-potential-of-the-collaborative-economy> > Acesso em 19 de ago. de 2016.

CIOFFY, Silvio. Chicago é museu de arquitetura a céu aberto. In: Folha de S. Paulo. São Paulo SP: 07 dez. de 1998.

COSTA, Anderson. **Censo Coworking Brasil 2016: o melhor momento, mas é preciso amadurecer.** (2016) Disponível em: < <https://movebla.com/censo-coworking-brasil-2016-o-melhor-momento-mas-é-preciso-amadurecer-aea2270930b4> > Acesso em 18 de out. de 2016.

DEGUZMAN, V.; TANG, I. **Working in the “UnOffice” – A Guide to Coworking for Indie Workers, Small Businneses, and Nonprofits.** San Francisco: Nigth Owls Press, 2011.

DUFFY, Francis. The new office. [S.l.] Conran Octopus. 1997.

FAYARD, Anne-Laurie; WEEKS, John. **Who Moved My Cube? Harvard Business**

Review. In: Harvard Business Review. Jul/2011. Disponível em: <<http://hbr.org>>. Acesso em: 14 de set. de 2016.

FOERTSCH, Carsten. **Advantages of coworking spaces over other offices.** (2012). Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/advantages-of-coworking-spaces-over-traditional-and-home-offices-581>> Acesso em 08 de set. de 2016.

FOERTSCH, Carsten. **The coworker's profile.** (2011). Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-coworkers-global-coworking-survey-168>> Acesso em 08 de set. de 2016.

FONSECA, Juliane Figueiredo. **A contribuição da ergonomia ambiental na composição cromática dos ambientes construídos de locais de trabalho de escritório.** Dissertação de mestrado. PUC-Rio. Departamento de artes e design. Rio de Janeiro. 2004.

GROZDANIC, Lidija. **How Coworking and coliving are redefining space as a service.** (2016). Disponível em: <<http://www.archdaily.com/785550/how-coworking-and-coliving-are-redefining-space-as-a-service>> Acesso em 18 de ago. de 2016.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 2006

HUWART, J.; DICHTER, G.; VANRIE, P. **Coworking: Collaborative Space for Microentrepreneurs.** Brussels: EBN, 2012

MEEL, Juriaan van. **Como planejar os espaços de escritórios: guia prático para gestores e designers.** São Paulo: G. Gili, 2013.

ORLANDI, Diego. **Coworking in Brazil.** (2013). Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/coworking-spaces-in-brazil-sao-paulo-812>> Acesso em 26 de ago. de 2016.

PATANI, Jay. **Coworking spaces and 3D printing: bringing manufacturing to the masses.** (2013) Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/coworking-spaces-and-3d-printing-bringing-manufacturing-to-the-masses-fablabs-makerspaces-662/2>> Acesso em: 24 de ago. de 2016.

PILE, J; SIROTO, E. **Open office space.** New York: Facts on File, 1984.

POLONI, Julio. Economia compartilhada oferece novos horizontes. **Economistas.** N 20. P. 43-47. São Paulo. 2016.

ROGERS, Richard. GUMUCHDJIAN, Philip. **Cidades para um pequeno planeta**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2001.

SANTACANA, Marta. **Cosewing for DIY fashion designers**. (2012). Disponível em: < <http://www.deskmag.com/en/cosewing-spaces-coworking-for-diy-fashionistas-626/2> > Acesso em 23. Ago. de 2016.

SASSEN, Saskia. **Escala e amplitude num mundo digital global**. In: O campo ampliado da arquitetura. São Paulo: Cosac Naify. 2013.

SILVEIRA, Julliane. **Escritório compartilhado atrai com networking e baixo custo**. In: Folha de S. Paulo. São Paulo SP: 16 de out. de 2016.

SPREITZER, Gretchen. BACEVICE, Peter. GARRET, Lyndon. **Why people thrive in Coworking Spaces**. In: Harvard Business Review. Set/2015. Disponível em: < <https://hbr.org/2015/05/why-people-thrive-in-coworking-spaces> > Acesso em 18 de out. de 2016.

TOZZI, Elisa. Escritório: história de produtividade, desconforto e poder. (2014). Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/carreira/escritorio-historia-de-productividade-desconforto-e-poder/> > Acesso em 25 de set. de 2016.

_____. CURITIBA. Lei no 9.800 e Leis Complementares da Legislação do Uso do Solo. Prefeitura Municipal de Curitiba, 2000. Arquivo digital.

_____. CURITIBA. Portaria 80. Prefeitura Municipal de Curitiba, 2000. Arquivo digital.

_____. Guia Amarela 21.002.026. Disponível em: < <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/guias/CAM2016296828-161201210316.PDF> > Acesso em 08 de nov. de 2016.

_____. Guia Amarela 21.002.027. Disponível em: < <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/guias/CAM2016296826-161201210133.PDF> > Acesso em 08 de nov. de 2016

_____. Guia Amarela 21.002.028. Disponível em: < <http://www5.curitiba.pr.gov.br/gtm/gam/guias/CAM2016296828-161201210316.PDF> > Acesso em 08 de nov. de 2016.